



Rosa Roberts

MARÉS ALTAS

Tradução de Ana Beatriz Manso



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

actualizar



TÍTULO: *Marés Altas*

AUTORIA: *Nora Roberts*

EDITORIA: *Maria João Costa*

Esta edição © 2007 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Rising Tides © 1998 Nora Roberts.

Publicado originalmente nos EUA por Jove, 1998

TRADUÇÃO: *Ana Beatriz Manso*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Janeiro, 2008*

ISBN: 978-989-8032-22-5

DEPÓSITO LEGAL: ??????/07

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.CHADASCINCO.COM

Caro Leitor,

O coração e a alma da Costa Leste de Maryland são os seus barqueiros, os homens que ganham a vida na Baía de Chesapeake e nos seus canais. Enfrentam dificuldades, temporais, épocas baixas. Dia após dia, ano após ano, cruzam as águas – preparando os covos de caranguejo, dragando em busca de ostras – e fazem parte de um mundo que muitos de nós nunca iremos conhecer. Vendo a aurora vermelha a irromper sobre a água escura, observando uma tempestade a desembrulhar-se de forma lenta e negra a partir do oriente. Com as suas botas de borracha e luvas grossas, conduzem os seus barcos da faina através de frígidas alvoradas ou tardes sufocantes em busca do caranguejo-azul, pelo qual a zona é famosa.

Ethan Quinn é barqueiro. Não nasceu com a tradição, mas recebeu-a de braços abertos. É um homem sossegado, cujo coração é tão profundo como as águas que adora. Em Marés Altas, irá enfrentar mais do que o desafio de ganhar a vida na Baía ou a luta para transformar num sucesso o embrionário negócio de construção de barcos que ele e os irmãos iniciaram.

Há um rapazinho que precisa de si e uma mulher e respectiva filha a quem ele ama mas que nunca acreditou poder ter. Para moldar a sua vida em redor deles, Ethan tem de enfrentar o seu próprio passado negro, tem de aceitar não só aquilo que é, mas aquilo em que espera tornar-se.

Nora Roberts

*Dedicado à espirituosa e encantadora Christine Dorsey.
Sim, Chris, é a ti que me refiro.*

PRÓLOGO

Ethan acordou dos sonhos e rebolou para fora da cama. Ainda estava escuro, mas ele começava habitualmente o seu dia antes que a noite desse lugar à aurora. Gostava do sossego, da rotina simples, do trabalho duro que se seguiam.

Nunca se esquecera de se sentir grato por ter podido fazer esta escolha e ter esta vida. Embora as pessoas responsáveis por lhe terem dado tanto a escolha como a vida tivessem morrido, para Ethan, a bela casa na água ainda ecoava com as suas vozes. Muitas vezes, dava por si a olhar de relance sobre o seu pequeno-almoço solitário na cozinha à espera de ver a mãe a entrar a arrastar os pés, a bocejar, com o cabelo ruivo em selvagem desalinho por ter estado a dormir e os olhos meio cegos de sono.

E, apesar de ela ter partido há quase sete anos, havia um reconforto naquela acolhedora imagem matinal.

Era mais doloroso pensar no homem que se tornara seu pai. A morte de Raymond Quinn ainda estava demasiado fresca, passados uns meros três meses, para que existisse reconforto. E as circunstâncias em redor dela tinham sido feias e inexplicadas. A sua morte acontecera num acidente de automóvel em plena luz do dia numa estrada seca, num dia de Março que cheirava a Primavera. O carro seguia depressa, com o seu condutor incapaz – ou relutante – de o controlar numa curva. Os testes tinham comprovado que não houvera nenhuma razão física para Ray ter chocado contra o poste telefónico.

Mas havia provas de uma razão emocional, e isso pesava no coração de Ethan.

Ethan pensava nisso enquanto se preparava para o dia – dando ao seu cabelo, ainda húmido do duche, uma escovadela apressada, que de nada serviu para domar as ondas espessas de castanho alourado pelo Sol. Barbeou-se no espelho embaciado, com os seus tranquilos olhos azuis sóbrios enquanto raspava a espuma e a barba de uma noite de um rosto bronzeado e ossudo que continha segredos que raramente optara por partilhar.

Tinha uma cicatriz que acompanhava a parte esquerda da linha do seu maxilar – cortesia do seu irmão mais velho e pacientemente cosida pela mãe. Era uma sorte, pensou Ethan enquanto esfregava um polegar distraidamente pelo sulco esbatido, que a mãe deles fosse médica. Um dos seus três filhos tinha geralmente necessidade de primeiros socorros.

Ray e Stella tinham-nos acolhido, três rapazes quase adultos, todos selvagens, todos perturbados, todos estranhos. E tinham-nos transformado numa família.

Dez meses antes da sua morte, Ray acolhera mais um.

Seth DeLauter pertencia-lhes agora. Ethan nunca o pôs em causa. Sabia que outros o tinham feito. Havia falatórios pela pequena vila de S. Cristóvão acerca de Seth não ser apenas mais um dos rapazes extraviados de Ray Quinn mas sim o seu filho ilegítimo. Uma criança concebida com outra mulher enquanto a sua esposa ainda era viva. Uma mulher mais jovem.

Ethan podia ignorar os falatórios, mas era impossível ignorar o facto de que Seth, com dez anos de idade, o olhava com os olhos de Ray Quinn.

Havia naqueles olhos sombras que Ethan também reconhecia. Os sofrendores reconheciam os sofrendores. Sabia que a vida de Seth, antes de Ray o ter acolhido, fora um pesadelo. Ele próprio vivera o seu.

Agora o miúdo estava a salvo, pensava Ethan enquanto vestia umas calças largas de algodão e uma camisa de trabalho descolorada. Agora ele era um Quinn, mesmo que as questões legais ainda não estivessem completamente resolvidas. Tinham Phillip para tratar disso. Ethan calculava que o seu irmão louco por pormenores conseguisse tratar dessa parte das coisas com o advogado. E sabia que Cameron, o mais velho dos irmãos Quinn, conseguira estabelecer uma ténue ligação com Seth.

Esforçara-se para o conseguir, pensou Ethan meio a sorrir. Tinha sido como olhar para dois gatos machos a bufar e a enclavinar-se. Agora que Cam se casara com a assistente social, podia ser que as coisas acalmassem um pouco.

Ethan preferia uma vida calma.

Ainda tinham conflitos, com a companhia de seguros a recusar-se a respeitar a apólice de Ray por existir suspeita de suicídio. Ethan sentiu uma contracção no estômago e parou por momentos para se deixar descontraír novamente. O pai nunca se teria matado. O Poderoso Quinn sempre enfrentara os seus problemas e ensinara os filhos a fazerem o mesmo.

Mas era uma nuvem que pairava sobre a família e que se recusava a afastar-se. Havia outras, também. O súbito aparecimento em S. Cristóvão da mãe de Seth e as suas acusações de abuso sexual, feitas ao reitor da faculdade onde Ray leccionara Literatura Inglesa. Não tinham pegado – houvera demasiadas mentiras, demasiadas alterações na sua história. Mas não se podia negar que o seu pai ficara abalado. Não se podia negar que, pouco tempo depois de Gloria DeLauter ter saído novamente de S. Cris, Ray também se fora embora.

E regressara com o rapaz.

Também havia a carta encontrada no carro depois do acidente de Ray. Uma óbvia ameaça de chantagem por parte da mulher DeLauter. Havia o facto de Ray lhe ter dado dinheiro, muito dinheiro.

Agora ela desaparecera de novo. Ethan queria que ela se mantivesse longe, mas sabia que o falatório não iria parar até que todas as respostas fossem claras.

Nada podia fazer em relação a isso, recordou-se Ethan. Deu um passo em direcção ao hall de entrada, bateu rapidamente na porta à frente da sua. Ao grunhido de Seth seguiu-se uma lamúria sonolenta e depois um palavrão maldisposto. Ethan continuou a andar, dirigindo-se à parte de baixo da casa. Não tinha dúvidas de que Seth voltaria a queixar-se por estar a acordar tão cedo. Mas, com Cam e Anna a passarem a lua-de-mel na Itália e Phillip em Baltimore até ao fim-de-semana, era Ethan que tinha de acordar o rapaz e levá-lo a casa de um amigo para fazer tempo até serem horas de ir para a escola.

A época do caranguejo estava ao rubro, e o dia de um barqueiro começava antes do Sol. Portanto, até que Cam e Anna regressassem, o de Seth também começava.

A casa estava silenciosa e escura mas ele movimentava-se nela com facilidade. Já tinha uma casa sua, mas parte do acordo para conseguirem a custódia de Seth passava por os três irmãos viverem debaixo do mesmo tecto e partilharem as responsabilidades.

Ethan não se importava com as responsabilidades, mas sentia falta da sua casinha, da sua privacidade e do sossego do que fora a sua vida.

Ligou as luzes da cozinha. Tinha sido a vez de Seth de a limpar depois do jantar na noite anterior e Ethan reparou que ele fizera um trabalho desmazelado. Ignorando a superfície atravancada e pegajosa da mesa, dirigiu-se directamente ao fogão.

Simon, o seu cão, espreguiçou-se indolentemente para se desenrolar. A cauda bateu no chão. Ethan pôs o café a fazer, cumprimentando o perdigueiro com uma esfregadela distraída na cabeça.

Recordava-se agora do sonho, aquele em que fora apanhado mesmo antes de acordar. Ele e o pai no barco a verificarem os covos de caranguejo. Só eles os dois. O Sol cegava de brilho e calor, a água estava calma e límpida como um espelho. Tinha sido tão nítido, pensava agora, até mesmo os cheiros da água e do peixe e do suor.

A voz do pai, de que tão bem se recordava, transportara os sons do motor e das gaivotas.

«Eu sabia que vocês os três olhariam pelo Seth.»

«Não precisavas de morrer para pôr isso à prova.» Havia ressentimento no tom de voz de Ethan, uma raiva subjacente que ele não se

permitira admitir enquanto estava acordado.

«Também não era essa a minha ideia», disse Ray brandamente, enquanto puxava caranguejos do covão por baixo da bóia que Ethan puxara com o croque. As suas luvas grossas cor-de-laranja de pescador brilhavam ao Sol. «Podes confiar em mim. Tens aqui uns belos berbigões e montes de caranguejos.»

Ethan olhou de relance para o covão de arame cheio de caranguejos, anotando automaticamente o tamanho e o número. Mas não era a pescaria que interessava, não aqui, não neste momento. «Queres que confie em ti mas não te explicas.»

Ray olhou para trás, dando um piparote no chapéu vermelho-vivo que usava sobre o seu exuberante cabelão prateado. O vento arrastava-lhe o cabelo, fazendo a caricatura de John Steinbeck que adornava a sua T-shirt folgada enrolar-se sobre o seu peito largo. O grande escritor americano tinha na mão uma placa a dizer que trabalhava em troca de comida, mas não parecia muito contente com isso.

Em contraste, Ray Quinn resplandecia de saúde e energia, com bochechas coradas onde as rugas fundas só pareciam celebrar a disposição perfeita e satisfeita de um homem vigoroso na casa dos sessenta, ainda com anos de vida pela frente.

«Tens de encontrar o teu próprio caminho, as tuas próprias respostas.» Ray sorriu a Ethan com uns olhos brilhantemente azuis, e Ethan viu as rugas a aprofundarem-se em redor deles. «Assim tem mais significado. Estou orgulhoso de ti.»

Ethan sentiu a garganta a arder, o coração a apertar. De forma rotineira, voltou a lançar o covão, depois olhou para as bóias cor-de-laranja a oscilar na água. «Pelo quê?»

«Por existires. Apenas por existires, Ethan.»

«Eu devia ter aparecido mais por cá. Não devia ter-te deixado sozinho tantas vezes.»

«Isso são tretas.» Agora a voz de Ray estava irritada e impaciente. «Eu não era nenhum velho inválido. Vou ficar muito irritado se pensares dessa maneira, se te culpares por não teres tomado conta de mim, valha-me Deus. Da mesma maneira que querias culpar o Cam por ir viver para a Europa – e até mesmo o Phillip por ir para Baltimore. Os pássaros saudáveis abandonam o ninho. Eu e a tua mãe criámos pássaros saudáveis.»

Antes que Ethan pudesse falar, Ray levantou a mão. Era um gesto tão típico, o professor a argumentar e a recusar ser interrompido, que Ethan viu-se obrigado a sorrir. «Sentiste a falta deles. Por isso é que querias estar zangado com eles. Eles foram-se embora, tu ficaste, e sentiste a falta de os ter por perto. Bem, agora já os tens de volta, não é?»

«Parece que sim.»

«E arranjaste uma linda cunhada, o início de um negócio de construção de barcos e este...» Ray fez um gesto para absorver a água, as bóias oscilantes, as altas zosteras lustrosas na margem onde uma garça-branca solitária se erguia como um pilar de mármore. «E dentro de ti tens algo de que o Seth necessita. Paciência. Talvez até em demasia em determinadas coisas.»

«O que é que isso quer dizer?»

Ray suspirou tempestuosamente. «Há uma coisa que não tens, Ethan, e de que precisas. Tens andado por aí à espera, a arranjar desculpas e sem fazeres rigorosamente nada para a conseguires. Se não fizeres nada em breve, vais perdê-la novamente.»

«O quê?» Ethan encolheu os ombros e manobrou o barco até à bóia seguinte. «Tenho tudo o que preciso, e o que quero.»

«Não te perguntes o quê, pergunta-te quem.» Ray estalou a língua e deu um abanão rápido aos ombros do filho. «Acorda, Ethan.»

E ele acordara, com a estranha sensação daquela mão grande e familiar no seu ombro.

Mas, pensou ele enquanto matutava sobre a sua primeira chávena de café, ainda não tinha as respostas.

– Arranjámos aqui uns belos caranguejos, capitão. – Jim Bodine reunia os caranguejos do covão, atirando com a pescaria vendável para dentro do alguidar. As pinças afiadas não lhe faziam diferença – e as cicatrizes nas suas mãos grossas provavam-no. Usava as luvas tradicionais da profissão, mas, como qualquer barqueiro poderá confirmar, elas desgastavam-se depressa. E, se tivessem um buraco, Deus sabia que um caranguejo era capaz de o encontrar.

Trabalhava com firmeza, com as pernas bem afastadas para se equilibrar no balanço do barco, os olhos escuros semicerrados num rosto desgastado pela idade, pelo Sol e pela vida. Tanto lhe podiam dar cinquenta como oitenta anos, e Jim não se ralava muito com a opção escolhida.

Tratava sempre Ethan por Capitão, e raramente proferia mais do que uma frase declarativa de cada vez.

Ethan mudou a rota em direcção ao covão seguinte, com a mão direita a empurrar ligeiramente a cana de leme que a maioria dos barqueiros utilizava em vez do leme. Ao mesmo tempo, controlava os níveis das válvulas reguladoras e dos instrumentos com a esquerda. Havia sempre pequenos ajustes a fazer a cada progressão pela linha de armadilhas.

A Baía de Chesapeake podia ser generosa quando queria, mas gostava de ser ardilosa e de fazer uma pessoa esforçar-se para receber a sua recompensa.

Ethan conhecia tão bem a Baía como se conhecia a si mesmo. Muitas vezes, achava que a conhecia melhor – os temperamentos e movimentos volúveis do maior estuário do continente. Fluía de norte a sul através de trezentos e setenta quilómetros, mas media apenas sete quilómetros e meio de largura no ponto em que roçava o Annapolis e cinquenta e cinco na foz do rio Potomac. S. Cristóvão estava abrigada na parte sul da Costa Este de Maryland, na dependência da sua generosidade, amaldiçoando-a pelos seus caprichos.

As águas de Ethan, as águas da sua casa, eram delimitadas por terrenos pantanosos, enfileiradas por rios de águas baixas com margens pontiagudas que tremeluziam através de matas de eucaliptos e carvalhos.

Era um mundo de canais de maré e baixios súbitos, onde se enraizavam valisnérias e ervas-do-arganel.

Aquele tornara-se o seu mundo, com as estações inconstantes, os

temporais súbitos e sempre, sempre, os sons e aromas da água.

Calculando o tempo, agarrou no croque e, com um movimento treinado tão suave como uma dança, enganchou a fileira de covos e atirou-a para dentro do mecanismo dos covos.

Em segundos, o covão ergueu-se da água, deixando um rasto de algas e bocados de isco antigo e cheio de caranguejos.

Viu as pinças vermelho-vivo das fêmeas totalmente desenvolvidas e os olhos ameaçadores dos grandes machos.

– Belos caranguejos – foi tudo o que Jim teve a dizer quando se deitou ao trabalho, içando o covão para bordo como se pesasse gramas em vez de quilos.

A água estava agitada nesse dia, e a Ethan cheirava a temporal a aproximar-se. Manobrou os instrumentos com os joelhos quando precisou das mãos para outras tarefas. E deitou o olho às nuvens que começavam a juntar-se no distante céu ocidental.

Tempo suficiente, calculou, para descer pela linha de armadilhas no canal estreito da baía e ver quantos mais caranguejos se tinham metido nos covos. Sabia que Jim estava com alguma falta de dinheiro – e ele precisava de todo o dinheiro que conseguisse arranjar para manter a funcionar o embrionário negócio de construção de barcos a que havia dado início com os irmãos.

Tempo suficiente, pensou novamente, enquanto Jim voltava a iscar um covão com bocados de peixe amolecidos e o atirava borda fora. Como se estivesse a saltar ao eixo, Ethan apanhou a bóia seguinte com o croque.

Simon, o lustroso *retriever* da Baía de Chesapeake de Ethan, estava de pé, com as patas da frente na amurada, de língua de fora. Tal como o dono, raramente se sentia mais feliz do que quando andava na água.

Trabalhavam em parilha, e quase em silêncio, comunicando através de grunhidos, encolheres de ombros e um ou outro palavrão. O trabalho era um consolo, uma vez que os caranguejos eram abundantes. Anos houvera em que não o tinham sido, anos em que parecia que o Inverno os exterminara ou que as águas nunca iriam aquecer o suficiente para se sentirem tentados a nadar.

Nesses anos, os barqueiros sofriam. A menos que tivessem outra fonte de rendimentos. Ethan tencionava tê-la, construindo barcos.

O primeiro barco Quinn estava quase pronto. E que beleza que era, pensou Ethan. Cameron já tinha um segundo cliente em vista – um ricaço qualquer dos tempos de corridas de Cam – portanto, iriam começar outro dentro em breve. Ethan nunca duvidou que o irmão conseguisse fazer entrar dinheiro.

Iriam conseguir, disse a si mesmo, por mais duvidoso e cheio de queixas que Phillip estivesse.

Olhou de relance para o Sol, calculou o tempo – e as nuvens que se deslocavam lentamente, de forma estável, em direcção a leste.

– Vamos levá-los para dentro, Jim.

Tinham estado oito horas na água, um dia curto. Mas Jim não se queixou. Sabia que não fora tanto a aproximação do temporal que fizera Ethan pilotar o barco de volta ao canal. – O miúdo já deve ter chegado da escola – disse ele.

– Pois. – E apesar de Seth já ser suficientemente auto-suficiente para ficar em casa sozinho uma parte da tarde, Ethan não gostava de desafiar o destino. Um miúdo de dez anos, e com o feitio de Seth, era um íman para sarilhos.

Quando Cam regressasse da Europa dali a duas semanas, revezaram-se-iam em relação a Seth. Mas, por agora, o rapaz era responsabilidade de Ethan.

A água na baía agitava-se, tornando-se agora cinzenta-metalizada para espelhar o céu, mas nem os homens nem o cão se preocupavam com a viagem tortuosa enquanto o barco trepava as pontas íngremes das ondas, para depois voltar a cair na depressão. Simon estava agora na proa, de cabeça levantada e as orelhas a adejarem ao vento, mostrando os dentes, fazendo um sorriso canino. Ethan construía ele próprio o barco, e sabia que ele resistiria. Tão confiante como o cão, Jim abrigou-se debaixo do toldo e, fechando as mãos em concha, acendeu um cigarro.

A marginal de S. Cris estava animada com turistas. Os primeiros dias de Junho atraíam-nos para fora da cidade, tentavam-nos a viajar dos subúrbios de Washington e Baltimore. Ele imaginava que pensassem na pequena vila de S. Cristóvão como pitoresca, com as suas ruas estreitas e casas de sarrafo e lojas minúsculas. Gostavam de ver os dedos dos seleccionadores de caranguejos a voar, e de comer os estaladiços hambúrgueres de caranguejo ou de contar aos amigos que tinham comido uma tigela de sopa de caranguejo. Ficavam alojados nas pensões – S. Cris orgulhava-se de ter nada mais nada menos do que quatro – e gastavam o seu dinheiro nos restaurantes e lojas de recordações.

Ethan não se ralava com eles. Nos tempos em que a Baía era avara, o turismo mantinha a vila viva. E achava que tempos viriam em que alguns daqueles mesmos turistas poderiam vir a decidir que ter um veleiro de madeira feito à mão era o seu desejo mais profundo.

O vento aumentou quando Ethan ancorou no cais. Jim saltou agilmente para prender as amarras, com as pernas curtas e o corpo atarracado a fazê-lo parecer um sapo saltitante com galochas brancas e um chapéu de pedinte besuntado de gordura.

Ao sinal despreocupado de Ethan com a mão, Simon deixou cair

o rabo e permaneceu no barco enquanto os homens se esforçavam para descarregar a pescaria do dia e o vento fazia dançar o toldo verde desbotado pelo Sol. Ethan viu Pete Monroe a dirigir-se a eles, com o seu cabelo cinzento-ferro esmagado debaixo de um chapéu de abas já gasto e o corpo robusto equipado com calças caqui largas e uma camisa vermelha as quadrados.

– Boa pescaria a de hoje, Ethan.

Ethan sorriu. Gostava bastante do Sr. Monroe, apesar de o homem ter uma veia avarenta muito profunda. Geria a Casa de Caranguejos Monroe como um unhas-de-fome. Mas, na opinião de Ethan, qualquer pessoa que gerisse uma fábrica de conservação de carne de caranguejo queixava-se dos lucros.

Ethan empurrou o seu próprio boné para trás, coçou a nuca, onde o suor e o cabelo húmido lhe faziam comichão. – Escapa.

– Hoje chegaste cedo.

– Vem aí temporal.

Monroe anuiu com a cabeça. Os seus seleccionadores de caranguejo, que tinham estado a trabalhar à sombra de toldos às riscas, já se preparavam para voltar para dentro. A chuva também iria obrigar os turistas a entrarem, ele sabia, para beberem café ou comerem gelados. Uma vez que era quase dono dos comes-e-bebes da Baía, ele não se importava.

– Parece que tens ali uns vinte e cinco hectolitros.

Ethan deixou o sorriso abrir-se. Havia quem pudesse ter dito que tinha um ar de pirata no olhar. Ethan não se teria sentido insultado, mas teria ficado surpreendido. – Eu diria que são mais uns trinta e dois. – Conhecia os preços de mercado até ao último centavo, mas compreendia que iriam, como sempre, negociar. Puxou do charuto negociador, acendeu-o e deitou mãos ao trabalho.

As primeiras gotas grossas de chuva começaram a cair quando se dirigia de barco para casa. Calculava que tinha conseguido um preço justo pelos seus caranguejos – os seus trinta hectolitros e meio de caranguejos. Se o resto do Verão fosse assim tão bom, ia considerar a hipótese de deitar à água mais cem covos no ano seguinte, e talvez contratar uma tripulação a meio-tempo.

Apanhar ostras na baía já não era a mesma coisa desde que os parasitas tinham matado tantas delas. Isso tornou os Invernos difíceis. Uma quantas boas épocas de caranguejo era do que precisava para investir o maior quinhão dos lucros no novo negócio – e para ajudar a pagar os honorários do advogado. A boca apertou-se-lhe com a ideia enquanto contornava as vagas em direcção a casa.

Não deviam precisar da porcaria de um advogado. Não deviam ter de

pagar a um tagarela qualquer de fato lustroso para limpar o bom nome do pai. Fosse como fosse, isso não iria fazer parar os mexericos na vila. Esses só iriam parar quando as pessoas descobrissem qualquer coisa mais suculenta para se entreterem do que a vida e a morte de Ray Quinn.

E o miúdo, pensou Ethan, olhando sobre a água que estremecia de baixo da chuva torrencial. Havia quem gostasse de falar pelas costas sobre o miúdo que olhava para eles com os olhos azuis-escuros de Ray Quinn.

Não era por si que se importava. Por Ethan, as pessoas podiam abanar as línguas acerca dele até que lhes caíssem das bocas flácidas. Mas importava-se, e muito, que alguém dissesse uma palavra maldosa sobre o homem que amara com todas as suas forças.

Sendo assim, para pagar ao advogado, iria trabalhar até ficar com os dedos dormentes. E iria fazer o que fosse preciso para ficar com a guarda da criança.

A trovoada abanou o céu, atordoando a água como fogo de canhão. A luz ensombrou-se como se fosse crepúsculo, e aquelas nuvens escuras dilataram-se para derramar sólidos lençóis de chuva. Mesmo assim, não se apressou quando ancorou no pontão de sua casa. Quanto a si, um pouco mais de chuva não iria matá-lo.

Como se em concordância com o sentimento, Simon saltou para nadar para terra enquanto Ethan prendia as amarras. Ethan agarrou na lancheira e, com as suas galochas molhadas a espezinharem o cais, dirigiu-se a casa.

Descalçou as botas no alpendre das traseiras. A mãe chegara-lhe a roupa ao pêlo vezes suficientes na sua juventude por deixar pegadas de lama, para que o hábito lhe ficasse arreigado na idade adulta. Ainda assim, não se importou com o cão molhado a afocinhar pela porta dentro à sua frente.

Até ver o chão e as bancadas a brilhar.

Merda, foi só o que conseguiu pensar enquanto analisava as patadas e ouvia o alegre latido de cumprimento de Simon. Ouviu-se um guincho, mais latidos e depois risos.

– Estás encharcado! – A voz feminina era baixa, suave e divertida. Era também muito firme, o que levou Ethan a estremecer de culpa. – Lá para fora, Simon! Vai lá para fora. Vai secar-te no alpendre da frente.

Houve outro guincho, risadinhas de bebé e a gargalhada de um miúdo a acompanhar. Está cá a malta toda, pensou Ethan, sacudindo a chuva do cabelo. No momento em que ouviu passos na sua direcção, foi direito ao armário buscar uma esfregona.

Não se mexia depressa muitas vezes, mas conseguia fazê-lo quando era preciso.

– Oh, Ethan. – Grace Monroe estava de mãos nas ancas estreitas, olhando para ele e para as patadas no seu chão acabado de encerar.

– Eu trato disso. Desculpa. – Ele viu que a esfregona ainda estava húmida e decidiu que era melhor não olhar directamente para Grace. – Não estava a raciocinar – balbuciou, enchendo um balde no lava-louça. – Não sabia que vinhas cá hoje.

– Ah, então deixas cães molhados correrem pela casa e sujarem o chão quando eu não venho?

Ele sacudiu um ombro. – O chão estava sujo quando saí hoje de manhã, não achei que um bocadinho de água lhe fizesse mal. – Então, descontraiu um pouco. Nos últimos tempos, parecia sempre que precisava de uns minutos para descontraír quando estava ao pé de Grace. – Mas, se eu soubesse que ias cá estar para me esfolares vivo por causa disso, tinha-o deixado no alpendre.

Ele estava a sorrir quando se virou, e ela deixou escapar um suspiro.

– Oh, dá-me a esfregona. Eu limpo.

– Não. O cão é meu, a porcaria é minha. Ouvi a Aubrey.

Distraidamente, Grace encostou-se à ombreira da porta. Estava cansada, mas isso não era de estranhar. Também já tinha trabalhado oito horas nesse dia. E ia trabalhar mais quatro no Shiney's Pub nessa noite a servir bebidas.

Havia noites em que, quando se metia na cama, podia jurar que ouvia os pés a chorarem.

– O Seth está a tomar conta dela por mim. Tive de trocar os meus dias. A Sra. Lynley telefonou hoje de manhã a perguntar se eu podia trocar a casa dela para amanhã porque a sogra lhe telefonou de Washington a fazer-se de convidada para jantar. A Sra. Lynley diz que a sogra é uma mulher que olha para uma mancha de pó como se fosse um pecado contra Deus e o Homem. Não achei que te importasses se eu limpasse a tua casa toda hoje em vez de amanhã.

– Tu encaixas-nos nos dias em que te der jeito, Grace, e nós ficamos agradecidos.

Ele observava-a por debaixo das pestanas enquanto limpava o chão com a esfregona. Sempre achara que ela era uma coisa bonita. Como um cavalo palomino – todo dourado e de pernas altas. Ela cortava o cabelo curto à rapaz, mas ele gostava da maneira como lhe assentava na cabeça, como um boné luzidio com franja.

Era tão magra como uma daquelas modelos que valem um milhão de dólares, mas ele sabia que a forma longa e esguia de Grace não era para a moda. Fora uma miúda alta, desajeitada e esquelética, segundo se recordava. Devia ter uns sete ou oito anos quando ele viera para S. Cris e para os

Quinn. Ele calculava que ela agora tivesse uns vinte e tal – e «esquelética» já não era exactamente a palavra que a descrevia.

Era como um salgueiro pendente, pensou ele, muito perto de corar.

Ela sorriu-lhe, e os seus olhos verdes de sereia aqueceram, com ténues covinhas a brincar-lhe nas bochechas. Por razões que ela não podia mencionar, achava divertido ver um espécime masculino tão saudável de esfregona na mão.

– Tiveste um bom dia, Ethan?

– Escapou. – Fez um trabalho meticoloso no chão. Era um homem meticoloso. Depois, voltou ao lava-louça para enxaguar o balde e a esfregona. – Vendi uma porção de caranguejos ao teu papá.

Com a referência ao seu pai, o sorriso de Grace desvaneceu-se um pouco. Havia uma distância entre eles, existia desde que ela engravidara de Aubrey e se casara com Jack Casey, o homem que o seu pai chamara de «aquele mecânico inútil que veio do Norte».

O seu pai acabara por ter razão em relação a Jack. O homem abandonara-a sem dó nem piedade um mês antes de Aubrey nascer. E levava-lhe as poupanças, o carro e a maior parte do seu amor-próprio.

Mas ela tinha ultrapassado isso, recordou-se Grace. E estava a sair-se bastante bem. Iria continuar a sair-se bem, sozinha, sem um único centavo da sua família – nem que para isso tivesse de matar-se a trabalhar.

Ouviu Aubrey a rir-se novamente, com uma longa gargalhada enroscada, e o seu ressentimento desapareceu. Tinha tudo o que era importante. Estava tudo embrulhado num anjinho de olhos brilhantes e cabelo encaracolado que estava no quarto mesmo ao lado.

– Vou preparar-te o jantar antes de sair.

Ethan virou-se para trás, olhando novamente para ela. O Sol reflectia-se um pouco nela, e ficava-lhe bem. Aquecia-lhe a pele. Ela tinha um rosto comprido que combinava com o corpo longo – embora o queixo tivesse tendência a ser teimoso. Se um homem olhasse de relance, veria uma loura alta e tranquila – um corpo bonito, um rosto que fazia querer olhar só mais um bocadinho.

E, se o fizesse, veria olheiras debaixo dos grandes olhos verdes e fadiga à volta da boca macia.

– Não tens de fazer isso, Grace. Devias ir para casa descontraí um bocado. Hoje à noite trabalhas no Shiney's, não é?

– Tenho tempo – e prometi hambúrgueres com tomate ao Seth. Não demoro muito. – Virou-se, enquanto Ethan continuava a olhá-la fixamente. Ela aceitara há muito que aqueles olhares longos e pensativos por parte dele lhe faziam ferver o sangue. Mais um dos pequenos problemas da vida, su-

punha. – O que é que foi? – perguntou, e esfregou a mão na bochecha como se esperasse encontrar uma sujidade.

– Nada. Bem, se vais cozinhar, devias ficar por cá e ajudar-nos a comer.

– Eu gostava. – Voltou a descontrair e dirigiu-se a ele para lhe tirar o balde e a esfregona e guardá-los ela mesma. – A Aubrey adora estar aqui contigo e com o Seth. Porque é que não vais ter com eles? Tenho de acabar de lavar uma roupa e depois começo a fazer o jantar.

– Eu dou-te uma ajuda.

– Não dás nada. – Era outra questão de orgulho para ela. Eles pagavam-lhe, ela fazia o trabalho. O trabalho todo. – Vai para a sala – e não te esqueças de perguntar ao Seth pelo teste de Matemática que ele trouxe hoje.

– Como é que ele se saiu?

– Outro cinco. – Piscou o olho e enxotou Ethan. O Seth era tão esperto, pensou ela enquanto se dirigia à lavandaria, do lado de fora da cozinha. Se, na prática, tivesse tido melhor cabeça para os números quando era mais nova, não teria andado a sonhar enquanto andava na escola.

Teria aprendido uma profissão, uma profissão a sério, não apenas servir bebidas e limpar casas ou escolher caranguejos. Teria tido uma carreira para se apoiar quando dera por si sozinha e grávida, com todas as suas esperanças de partir para Nova Iorque para se tornar bailarina a serem despedaçadas como vidros partidos por tijolos.

Fosse como fosse, tinha sido um solo tolo, disse a si mesma, tirando a roupa da máquina de secar e colocando lá a roupa molhada tirada da máquina de lavar. Uma quimera, como diria a sua mãe. Mas a verdade é que, enquanto crescera, só quisera duas coisas. A dança e Ethan Quinn.

Nunca conseguira nem uma coisa nem outra.

Suspirou um pouco, segurando no lençol quente e macio que tirou do cesto e levou à cara. O lençol de Ethan – tinha-o tirado da cama dele naquele dia. Consequira sentir nele o seu cheiro nessa altura, e, se calhar, só por um minuto ou dois, permitira-se sonhar um bocadinho sobre como teria sido se ele a tivesse querido, se ela tivesse dormido com ele naqueles lençóis, na casa dele.

Mas os sonhos não faziam o trabalho, nem pagavam a renda, nem compravam as coisas de que a sua menina precisava.

Rapidamente, começou a dobrar os lençóis, pousando-os meticulosamente sobre a máquina de secar que ribombava. Não era vergonha nenhuma ganhar a vida a limpar casas ou a servir bebidas. Em ambos os casos, fazia um bom trabalho. Era útil e era necessária. Isso chegava-lhe.

Certamente não fora útil nem necessária ao homem com quem estivera casada por tão pouco tempo. Se eles se tivessem amado, se se tivessem

amado a sério, teria sido diferente. Para ela, tinha sido uma necessidade desesperada de pertencer a alguém, de ser querida e desejada enquanto mulher. Para Jack... Grace abanou a cabeça. Francamente não sabia o que tinha sido para Jack.

Uma atracção, supunha, que resultara em concepção. Sabia que ele acreditava ter feito o mais honrado ao levá-la ao registo e ao ficar ao seu lado defronte do juiz de paz naquele dia de Outono friorento para trocarem votos.

Nunca a tratara mal. Nunca se embebedara violentamente nem andara a espancá-la como ela sabia que alguns homens faziam às mulheres que não queriam. Não andou a farejar atrás de outras mulheres – pelo menos que ela soubesse. Mas ela vira, enquanto Aubrey se desenvolvia dentro dela e a sua barriga se arredondava, ela vira o olhar de pânico a surgir-lhe nos olhos.

Então, certo dia, ele simplesmente partira sem dizer uma palavra.

O pior de tudo, pensava agora Grace, é que ela ficara aliviada.

Se Jack tinha feito alguma coisa por ela, tinha sido obrigá-la a crescer, a tomar as rédeas. E o que ele lhe dera valia mais do que as estrelas.

Colocou a roupa lavada dobrada num cesto, puxou o cesto para a anca e encaminhou-se para a sala principal.

Lá estava o seu tesouro, com o cabelo louro aos caracóis a balançar, o belo rosto rosado iluminado de alegria enquanto estava sentada ao colo de Ethan e palrava para ele.

Com dois anos, Aubrey Monroe parecia um anjo de Botticelli, todo rosado e dourado, com olhos verdes brilhantes e covinhas a amolgar-lhe as bochechas. Pequenos dentes de gatinho e mãos com dedos compridos. Embora apenas conseguisse decifrar metade da sua tagarelice, Ethan anuí discretamente com a cabeça.

– E o que é que o Tolinho fez nessa altura? – perguntou ele, quando percebeu que ela lhe estava a contar uma história qualquer acerca do cachorro de Seth.

– Lambeu a minha cara. – Com os olhos a rirem-se, pegou nas duas mãos e percorreu as bochechas com elas. – Toda. – Sorrindo, envolveu o rosto de Ethan com as mãos e deu início a uma brincadeira que gostava de fazer com ele. – Au! – Deu uma risadinha e voltou a esfregar o rosto dele. – Barba.

Fazendo-lhe a vontade, ele deslizou os nós dos dedos pela bochecha macia dela e depois afastou a mão para trás. – Au. Tu também tens.

– Não! Tu.

– Não. – Ele puxou-a para mais perto e deu-lhe beijos ruidosos nas bochechas enquanto ela se contorcia de satisfação. – Tu.

Já com gargalhadas estridentes, contorceu-se para se soltar e mergulhou para o rapaz esparramado no chão. – Barba do Seth. – Cobriu-lhe a bochecha de beijos lambuzados. A virilidade exigiu que ele se encolhesse.

– Credo, Aub, poupa-me. – Para a distrair, pegou num dos carrinhos de brincar dela e fê-lo deslizar ao de leve pelo seu braço abaixo. – Tu és uma pista de automóveis.

Os olhos dela brilharam de emoção por causa da nova brincadeira. Agarrando no carro, fê-lo deslizar, não com tanta suavidade, sobre todas as partes de Seth que conseguiu alcançar.

Ethan apenas sorria. – Tu é que começaste, amigo – disse ele a Seth quando Aubrey subiu pela coxa de Seth para lhe alcançar o outro ombro.

– É melhor do que ficar todo lambuzado – afirmou Seth, mas levantou o braço para impedir Aubrey de dar um trambolhão.

Por alguns momentos, Grace limitou-se a ficar parada a observar. O homem, descontraído na grande poltrona e a sorrir para as crianças. As próprias crianças, de cabeças juntas – uma delicada e coberta de caracóis dourados, a outra com uma guedelha desgrenhada de tons muito mais escuros.

O miúdo perdido, pensou ela, solidarizando-se com ele tal como fizera no primeiro dia em que o vira. Ele encontrara o caminho de casa.

A sua preciosa menina. Quando Aubrey era apenas uma vibração no seu ventre, Grace prometera acarinhá-la, protegê-la e desfrutar dela. Ela teria sempre um lar.

E o homem que outrora fora um miúdo perdido, que anos antes entrara nos seus sonhos de rapariga e nunca de lá saíra realmente. Ele construíra um lar.

A chuva tamborilava no telhado, a televisão era um murmúrio baixo e sem importância. Os cães dormiam no alpendre da frente e o vento húmido soprava pela porta mosqueira.

E ela ansiava por aquilo que sabia que não devia ansiar – pousar o cesto da roupa lavada, aproximar-se e trepar para o colo de Ethan. Ser lá acolhida, até mesmo esperada. Fechar os olhos, só por um bocadinho, e fazer parte daquilo tudo.

Em vez disso, recuou, sentindo-se incapaz de entrar naquele sossego tranquilo e ocioso. Voltou para a cozinha, onde as luzes de cima estavam brilhantes e um bocadinho fortes. Aí, colocou o cesto sobre a mesa e começou a juntar o que precisava para fazer o jantar.

Quando Ethan entrou uns instantes depois para ir buscar uma cerveja, ela tinha carne a dourar, batatas a fritar em óleo de amendoim e uma salada a caminho.

– Cheira lindamente. – Ele ficou parado com constrangimento por instantes. Não estava habituado a ter alguém que cozinhasse para si – há

anos – e, mesmo então, não era uma mulher. O seu pai estava à vontade na cozinha, mas a mãe... Eles brincavam sempre com o facto de que, quando ela cozinhava, todos precisavam dos seus conhecimentos médicos para sobreviverem à refeição.

– Fica pronto em mais ou menos meia hora. Espero que não te importes de comer cedo. Tenho de levar a Aubrey para casa e dar-lhe banho, e depois tenho de mudar de roupa para ir trabalhar.

– Nunca me importo de comer, principalmente quando não sou eu a cozinhar. E a verdade é que quero ir umas horas ao estaleiro hoje à noite.

– Oh. – Ela olhou para trás, assoprando a franja. – Devias ter-me dito. Teria apressado as coisas.

– Este ritmo serve-me. – Deu um gole na garrafa. – Queres uma bebida ou qualquer coisa?

– Não, estou bem. Ia usar aquele molho de saladas que o Phillip inventou. Tem um ar muito mais bonito do que o de compra.

A chuva estava a amainar, diminuindo para lentas gotas em forma de chuvisco com a luz do Sol aguada a debater-se para trespassá-las. Grace olhou pela janela. Estava sempre à espera de ver um arco-íris. – As flores da Anna estão a dar-se bem – comentou. – A chuva faz-lhes bem.

– Escuso de arrastar a mangueira lá para fora. Ela dava cabo de mim se elas morressem enquanto está fora.

– Não a censurava. Ela esforçou-se tanto para plantá-las antes do casamento. – Grace trabalhava de forma rápida e competente enquanto falava. Escorrendo batatas fritas, acrescentando mais ao óleo fervente. – Foi um casamento tão bonito – continuou ela, enquanto misturava molho para a carne numa tigela.

– Correu tudo bem. Tivemos sorte com o tempo.

– Oh, não podia ter chovido nesse dia. Teria sido um pecado. – Conseguia revê-lo todo novamente, de forma tão clara. O verde da relva no quintal, o cintilar da água. As flores que Anna plantara resplandcentes de cor – e as outras que comprara a penderem de vasos e taças lado a lado com a passadeira branca que a noiva descera para ir de encontro ao seu noivo.

Um vestido branco a ondear, o fino véu que apenas acentuava os olhos escuros e delirantemente felizes. As cadeiras tinham-se enchido de amigos e familiares. Os avós de Anna tinham chorado. E Cam – o brutamontes Cameron Quinn – olhara para a sua noiva como se tivessem acabado de lhe dar as chaves do Céu.

Um casamento no quintal, pensava agora Grace. Doce, simples, romântico. Perfeito.

– Ela é a mulher mais bonita que já vi. – Grace disse-o com um suspiro apenas levemente raiado de inveja. – Tão escura e exótica.

– Condiz com o Cam.

– Pareciam estrelas de cinema, todos polidos e lustrosos. – Sorriu para si mesma enquanto introduzia molho picante na carne e mexia. – Quando tu e o Phillip tocaram aquela valsa para a primeira dança deles, foi a coisa mais romântica que já vi. – Voltou a suspirar enquanto terminava de arranjar a salada. – E agora estão em Roma. Mal consigo imaginar.

– Telefonaram ontem de manhã para me apanharem antes de eu sair de casa. Disseram que estavam a divertir-se.

Ela riu-se ao ouvi-lo, um som soluçante e esbatido que pareceu percorrer a pele dele. – Lua-de-mel em Roma? Seria difícil não se divertirem. – Ela começou a tirar mais batatas e praguejou ligeiramente quando o óleo espirrou e lhe salpicou a parte lateral da mão. – Bolas! – No momento em que levava a queimadura ligeira à boca para a acalmar, Ethan deu um salto em frente e agarrou-lhe na mão.

– Queimaste-te? – Viu a pele rosada e puxou-a para o lava-louça. – Passa-lhe um pouco de água fria.

– Não é nada. É só uma queimadurazinha. Está sempre a acontecer.

– Não acontecia se tivesses mais cuidado. – Tinha as sobrancelhas unidas, a mão a segurar-lhe os dedos com firmeza para lhe manter a mão debaixo da água a correr. – Está a doer?

– Não. – Ela não sentia nada a não ser a mão dele nos seus dedos e o seu próprio coração a ribombar-lhe no peito. Sabendo que iria fazer figura de parva a qualquer momento, tentou libertar-se. – Não é nada, Ethan. Não te enerves.

– Precisas de um bocadinho de pomada. – Começou a esticar-se para o armário à procura de pomada e levantou a cabeça. Os seus olhos encontraram os dela. Ficou ali parado, com a água a correr, as duas mãos encurraladas debaixo da queda friorenta da água.

Ele tentava nunca estar tão perto dela, tão perto que conseguisse ver aqueles pequenos salpicos dourados nos seus olhos. Porque iria começar a pensar neles, a divagar sobre eles. Depois teria de recordar a si próprio de que esta era Grace, a rapariga que vira crescer. A mulher que era mãe de Aubrey. Uma vizinha que o via como um amigo de confiança.

– Tens de tratar melhor de ti. – A voz dele estava áspera quando as palavras percorreram o seu caminho através de uma garganta que ficara completamente seca. Ela cheirava a limões.

– Eu estou bem. – Ela estava a morrer, algures entre o prazer vertiginoso e o derradeiro desespero. Ele segurava-lhe na mão como se fosse tão frágil como cristal. E franzia-lhe o sobrolho como se ela fosse ligeiramente menos sensata do que a sua filha de dois anos. – As batatas vão queimar-se, Ethan.

– Oh. Bem. – Mortificado por ter estado a pensar – apenas por um segundo – que a boca dela devia ter um gosto tão suave como parecia, recuou com um solavanco, agora às apalpadelas para encontrar a bisnaga da pomada. Tinha o coração aos saltos e detestava a sensação. Preferia as coisas calmas e simples. – De qualquer maneira, põe um bocadinho disto. – Pousou a bisnaga na bancada e recuou. – Eu vou... ver se os miúdos lavam as mãos para virem jantar.

De caminho, apanhou o cesto da roupa lavada e desapareceu.

Com movimentos deliberados, Grace fechou a torneira, depois virou-se para salvar as suas batatas fritas. Satisfeita com o decurso da refeição, pegou na pomada e espalhou um bocadinho na mancha avermelhada na mão antes de voltar a arrumar a bisnaga no armário.

Depois, inclinou-se sobre o lava-louça, e olhou pela janela.

Mas não conseguiu encontrar um arco-íris no céu.

D O I S

Não havia nada como um sábado – a não ser que fosse o sábado que ia dar à última semana de aulas antes das férias de Verão. Isso era, claro está, todos os sábados da nossa vida embrulhados numa grande bola brilhante.

O sábado significava passar o dia no barco com Ethan e Jim em vez de ser dentro de uma sala de aula. Significava trabalho árduo, Sol escaldante e bebidas frescas. Coisas de homem. Com os olhos encobertos por baixo da pala do seu boné dos Orioles e pelos óculos de sol mesmo fixes que comprara numa visita ao centro comercial, Seth atirou o croque para puxar a bóia de sinalização seguinte. Os seus jovens músculos aglomeravam-se sob a T-shirt dos *Ficheiros Secretos*, o que lhe garantia que a verdade andava por ali.

Observava Jim a trabalhar – a inclinar o covão e a desapertar a tampa da lata de ostras para a despejar para a caixa do isco no fundo do covão. A deitar fora o isco antigo, reparou Seth, vendo as gaivotas a mergulhar e a guinchar como loucas. Fixe. Agora é preciso agarrar bem naquele covão, virá-lo ao contrário e abaná-lo à maluca, para os caranguejos da parte de cima caírem no alguidar que os espera. Seth achou que podia fazer aquilo tudo – se realmente quisesse. Não tinha medo de um monte de caranguejos estúpidos só porque eles pareciam grandes insectos mutantes vindos de Vénus e tinham pinças com tendência a agarrar e beliscar.

Em vez disso, a sua tarefa era reabastecer o covão de isco com umas mãos-cheias de bocados de peixe nojentos, tratar da tampa, garantir que não havia obstáculos na corda. Calcular a distância entre bóias de sinalização e, se tudo parecesse estar bem, atirar o covão borda fora. *Splash*.

Depois cabia-lhe lançar o croque para a bóia seguinte.

Agora já sabia distinguir as fêmeas dos machos. Jim dizia que as meninas caranguejo pintavam as unhas porque tinham as pinças vermelhas. Parecia mentira a forma como os padrões da barriga pareciam órgãos genitais. Qualquer pessoa conseguia ver que os caranguejos rapazes tinham lá uma marca em forma de T que parecia mesmo uma pila.

Jim também lhe mostrara alguns caranguejos a acasalar – chamava-lhes duplicadores – e isso já foi de mais para ele. O caranguejo macho trepava para cima da fêmea, aconchegava-a debaixo dele e andava por ali a nadar assim durante dias.

Seth achava que eles deviam gostar.

Ethan dissera que os caranguejos eram casados e, quando Seth deu uma gargalhada, ele ergueu o sobrolho. Seth deu por si suficientemente intrigado para ir à biblioteca da escola ler coisas sobre caranguejos. E achou que tinha percebido, mais ou menos, o que Ethan queria dizer. O macho protegia a fêmea mantendo-a debaixo dele porque ela só podia acasalar quando estivesse a terminar a muda da carapaça e esta estivesse mole, portanto, ela estava vulnerável. Mesmo depois de terem acasalado, ele continuava a transportá-la assim até que a sua carapaça voltasse a endurecer. E ela só iria acasalar uma vez, por isso era como se estivesse a casar-se.

Lembrou-se de como Cam e a Menina Spinelli – Anna, recordou-se, agora já lhe chamava Anna – se tinham casado. Muitas das mulheres ficaram todas piegas e os homens riram e gozaram. Toda a gente fez um grande alarido com aquilo, com flores e música, e toneladas de comida. Ele não percebeu. Parecia-lhe a ele que casar significava apenas ter-se sexo sempre que se quisesse e ninguém tinha nada a ver com isso.

Mas tinha sido porreiro. Ele nunca estivera em nenhuma situação parecida. Apesar de Cam o ter arrastado para o centro comercial para o obrigar a experimentar fatos, de uma maneira geral tinha sido bom.

Talvez por vezes se preocupasse com a forma como aquilo ia mudar as coisas, numa altura em que estava a habituar-se à maneira como as coisas estavam. Agora ia haver uma mulher em casa. Gostava de Anna. Ela jogara limpo com ele, apesar de ser assistente social. Mas não deixava de ser uma fêmea.

Tal como a sua mãe.

Seth largou aquele pensamento. Se pensasse na mãe, se pensasse na vida que tivera com ela – os homens, as drogas, os quatinhos sujos –, iria estragar o dia.

Não tivera suficientes dias solarengos nos seus dez anos de vida para se arriscar a arruinar um.

– Estás aí a bater uma sorna, Seth?

A voz branda de Ethan trouxe Seth de volta à realidade. Pestanejou, viu o Sol a reluzir na água, e as bóias cor-de-laranja a oscilar. – Estava só a pensar – resmungou Seth, puxando rapidamente outra bóia.

– Eu cá não penso muito. – Jim montou a armadilha na amurada e começou a escolher os caranguejos. O seu rosto bronzeado enrugou-se com sorrisos. – Posso apanhar febre cerebral.

– Merda! – disse Seth, inclinando-se para analisar a pescaria. – Aquele está a começar a muda.

Jim grunhiu, levantando um caranguejo com a carapaça a estalar na

parte de trás. – Este fulano vai ser a sandes de alguém amanhã. – Piscou o olho a Seth enquanto atirava o caranguejo para o alguidar. – Talvez a minha.

O Tolinho, que ainda era suficientemente novo para merecer o nome, cheirou a armadilha, instigando um rápido e feio motim de caranguejos. Quando as pinças se fecharam, o cachorro deu um salto para trás com um uivo.

– Aquele cão... – Jim estremeceu de riso. – Ele não tem de se preocupar com nenhuma febre cerebral.

Mesmo depois de terem levado a pescaria do dia para a costa, despejado o alguidar e largado Jim, o dia não estava terminado. Ethan afastou-se dos instrumentos. – Temos de ir ao estaleiro. Queres levar o barco?

Embora os olhos de Seth estivessem escudados pelos óculos escuros, Ethan imaginou que a sua expressão condissesse com o queixo caído do rapaz. Achava divertido quando Seth sacudia um ombro como se coisas dessas fossem um acontecimento corriqueiro.

– Claro. Na boa. – Com as palmas das mãos suadas, Seth tomou o leme.

Ethan ficou ali parado, com as mãos enfiadas com indiferença nos bolsos de trás, os olhos alerta. Havia bastante tráfego marítimo. Uma bela tarde de fim-de-semana atraía os marinheiros de recreio à Baía. Mas eles não podiam ir para muito longe, e o miúdo tinha de aprender algum dia. Não se podia viver em S. Cris sem se saber manobrar um barco de pesca.

– Um bocadinho para estibordo – disse ele a Seth. – Estás a ver aquele barco pequeno ali? Marinheiro de domingo, e vai cruzar-te directamente pela proa se mantiveres esta direcção.

Seth estreitou os olhos, analisou o barco e as pessoas no convés. Bufou. – Isso é porque ele está a prestar mais atenção àquela rapariga de biquíni do que ao vento.

– Bem, ela fica bem de biquíni.

– Não percebo o porquê de tanto alarido por causa dos seios.

Para manter a reputação, Ethan não desatou a rir-se, mas anuiu com sobriedade. – Acho que em parte é porque não os temos.

– Eu cá não os quero ter, isso é certinho.

– Espera mais uns aninhos – murmurou Ethan a coberto do barulho do motor. E a ideia fê-lo estremecer. Que diabo iriam fazer quando o miúdo chegasse à puberdade? Alguém teria de falar com ele sobre... coisas. Sabia que Seth já tinha muitos conhecimentos acerca de sexo, mas eram todos do

tipo sombrio e doloroso. Do mesmo tipo que ele próprio tivera numa idade demasiado precoce.

Um deles iria ter de explicar como as coisas deviam ser, podiam ser – e antes que passasse muito mais tempo.

Esperava sinceramente não ter de ser ele.

Avistou o estaleiro, o edifício antigo de tijolo, o espantoso novo cais que ele e os irmãos tinham construído. O orgulho atravessou-o. Talvez não parecesse grande coisa com os seus tijolos corroídos e o telhado remendado, mas eles estavam a transformá-lo em qualquer coisa. As janelas estavam empoeiradas mas eram novas e estavam intactas.

– Reduz na válvula. Manobra-o devagar. – Distraidamente, Ethan pôs uma mão sobre a de Seth nos instrumentos. Sentiu o rapaz a entesar-se, depois a descontrair. Ainda tinha problemas em ser tocado de forma inesperada, reparou Ethan. Mas estava a passar. – É assim mesmo, só mais um bocadinho para estibordo.

Quando o barco colidiu suavemente contra os pilares, Ethan saltou para o pontão para prender as amarras. – Belo trabalho. – Ao seu aceno de cabeça, Simon, quase a estremecer de ansiedade, saltou para fora de bordo. Ganindo freneticamente, o Tolinho trepou até à amurada, hesitou e depois seguiu-o.

– Passa-me a geleira, Seth.

Grunhindo um bocadinho, Seth ergueu-a. – Talvez eu pudesse pilotar o barco às vezes quando andamos ao caranguejo.

– Talvez. – Ethan esperou que o rapaz trepasse em segurança para o pontão antes de se dirigir às portas de cargas e descargas à retaguarda do edifício.

Já estavam escancaradas e o som agitador de almas de Ray Charles fluía através delas. Ethan pousou a geleira lá dentro e pôs as mãos nas ancas.

O casco estava terminado. Cam trabalhara feito um cão para conseguir fazer aquilo tudo antes de partir em lua-de-mel. Tinham-no entabuado, chanfrando as arestas para as enrolar mas mantendo as junções macias.

Os dois tinham terminado a estrutura feita de tábuas, usando linhas feitas a lápis como guias e «caminhando» cuidadosamente sobre cada estrutura para a fazer assentar com uma pressão lenta e estável. O casco era sólido. Não iria haver brechas no entabuamento de um barco Quinn.

A concepção era originalmente de Ethan, com alguns ajustes aqui e ali de Cam. O casco era arredondado, de construção dispendiosa mas com as virtudes da estabilidade e velocidade. Ethan conhecia o seu cliente.

Desenhara a forma da proa a pensar nisso e decidira-se por uma proa

de cruzeiro, atraente e, mais uma vez, ideal para a velocidade, leve. A popa tinha uma concepção complementar de extensão moderada, fornecendo uma sobreenvigadura que tornaria o comprimento do barco maior em relação ao seu comprimento na linha de água.

Era um visual atraente, apelativo. Ethan compreendia que o seu cliente se preocupava tanto com a aparência como com as capacidades de navegação básicas.

Usara Seth como pau para toda a obra quando foi altura de revestir o interior com a mistura em partes iguais de óleo de linhaça quente e terebintina. Era um trabalho suado, com garantias de provocar algumas queimaduras, apesar da cautela e das luvas. Ainda assim, o miúdo aguentara-se bem.

Do sítio onde estava, Ethan conseguia analisar as linhas da curvatura, os contornos da parte de cima do casco. Optara por linhas niveladas para garantir uma embarcação mais espaçosa e mais seca, com um bom espaço interior. O seu cliente gostava de levar os amigos e a família para um passeio de barco.

O homem insistira na teca, apesar de Ethan lhe ter dito que o pinho ou o cedro fariam o mesmo efeito para o entabuamento do casco. O homem tinha dinheiro para gastar no seu passatempo, pensava agora Ethan – e dinheiro para gastar em estatuto social. Mas tinha de admitir que a teca ficava uma maravilha.

O seu irmão Phillip estava a trabalhar no convés. Despido até à cintura para se defender do calor e da humidade, com o cabelo acobreado-escuro protegido por um boné preto sem nome de equipa nem emblema e usado ao contrário, aparafusava as tábuas do convés. De poucos em poucos segundos, o forte zumbido agudo da aparafusadora eléctrica competia com o tom de tenor cremoso de Ray Charles.

– Como é que está a correr? – gritou Ethan por cima do ruído.

A cabeça de Phillip levantou-se. O seu rosto de anjo martirizado estava húmido de suor, os olhos castanho-dourados aborrecidos. Tinha acabado de se recordar que era um profissional de publicidade, não um carpinteiro.

– Aqui faz mais calor do que num Verão no Inferno, e estamos só em Junho. Temos de pôr aqui umas ventoinhas. Tens alguma coisa fresca, ou, pelo menos, líqüida, nessa geleira? Fiquei sem bebidas há uma hora.

– Abre a torneira da casa de banho e arranjas água – disse Ethan, calmamente, enquanto se dobrava para retirar uma bebida fresca da geleira. – É uma nova tecnologia.

– Só Deus sabe o que anda naquela água da torneira. – Phillip apANHOU a lata que Ethan lhe lançou e fez uma careta ao rótulo. – Pelo menos dizem-nos com que químicos é que enchem isto.

– Desculpa, bebemos a Evian toda. Sabes como é o Jim com a sua água de marca. Nunca se farta dela.

– Vai-te lixar – disse Phillip, mas sem calor. Gorgolejou a Pepsi fresca, depois ergueu o sobrolho quando Ethan subiu para inspecionar o seu trabalho.

– Bom trabalho.

– Bem, obrigado, chefe. Posso pedir um aumento?

– Claro, o dobro do que ganhas agora. O Seth é que é o prodígio da Matemática. Quanto é que é nada vezes nada, Seth?

– Nada ao quadrado – disse Seth com um sorriso rápido. Os seus dedos ansiavam por experimentar a aparafusadora eléctrica. Até então, ninguém lhe deixava tocar-lhe, nem a nenhuma das outras ferramentas eléctricas.

– Bem, agora já tenho dinheiro para aquele cruzeiro ao Taiti.

– Porque é que não vais tomar um duche? A menos que também te oponhas a lavar-te com água da torneira. Eu posso continuar a partir daqui.

Era tentador. Phillip estava encardido, suado e desgraçadamente quente. Teria alegremente matado três estranhos por um copo de Pouilly-Fuissé fresco. Mas sabia que Ethan estava acordado desde antes do amanhecer e que já trabalhara o que qualquer pessoa normal consideraria um dia inteiro.

– Eu aguento mais umas horas.

– Tudo bem. – Era exactamente a resposta que Ethan esperava. Phillip tinha tendência a queixar-se, mas nunca desiludia ninguém. – Acho que conseguimos dar conta deste convés antes de darmos o dia por terminado.

– Posso...

– Não – disseram Ethan e Phillip ao mesmo tempo, antecipando a pergunta de Seth.

– Por que raio é que não? – perguntou. – Não sou estúpido. Não vou alvejar ninguém com um estúpido de um parafuso nem nada.

– Porque gostamos de brincar com ele. – Phillip sorriu. – E somos maiores do que tu. Toma. – Alcançou o bolso de trás, tirou a carteira e encontrou uma nota de cinco. – Vai até ao Crawford's e traz-me umas garrafas de água. Se não te lamuriar, podes comprar um gelado com o troco.

Seth não se lamuriou, mas resmungou por ser usado como um escravo enquanto chamava o seu cão e se dirigia para a rua.

– Temos de lhe ensinar a usar as ferramentas quando tivermos mais tempo – comentou Ethan. – Ele tem boas mãos.

– Sim, mas eu queria que ele sáisse. Não tive oportunidade de te contar ontem à noite. O detective seguiu a Gloria DeLauter até Nags Head.

– Então, ela está a dirigir-se para Sul. – Levantou o olhar para o de Phillip. – Ele já a localizou?

– Não, ela muda muito de direcção e está a usar dinheiro vivo. Muito dinheiro. – Contraíu a boca. – Tem muito para esbanjar desde que o pai lhe pagou aquela pipa de massa pelo Seth.

– Não parece que esteja interessada em voltar cá.

– Eu diria que ela tem tanto interesse naquele puto como um gato vadio raivoso tem num gatinho morto. – A sua própria mãe fora assim, recordou Phillip, quando calhava a estar presente. Ele nunca tinha visto Gloria DeLauter, mas conhecia-a. Desprezava-a.

– Se não a encontrarmos, – acrescentou Phillip, rolando a lata fresca sobre a testa, – nunca vamos saber a verdade sobre o pai, nem sobre o Seth.

Ethan anuiu com a cabeça. Sabia que Phillip estava ali numa missão, e sabia que o mais certo era ter razão. Mas perguntava-se, demasiadas vezes para que constituísse reconforto, o que iriam fazer quando soubessem a verdade.

Os planos de Ethan depois de um dia de trabalho de catorze horas eram tomar um duche interminável e beber uma cerveja fresca. Fez as duas coisas em simultâneo. Tinham ido buscar sandes para o jantar e ele comeu a dele sozinho no alpendre das traseiras, no calmo sossego do início do crepúsculo. Lá dentro, Seth e Phillip discutiam sobre que vídeo ver primeiro. Arnold Schwarzenegger travava uma batalha contra Kevin Costner.

Ethan já apostara em Arnold.

Tinham um acordo tácito para que Phillip tomasse conta de Seth aos sábados à noite. Isso deixava a Ethan a hipótese de escolher o que fazer nessas noites. Podia entrar e juntar-se a eles nestes festivais de cinema, como fazia por vezes. Podia subir e acomodar-se a ler um livro, como frequentemente preferia fazer. Podia sair, o que raramente fazia.

Antes de o pai ter morrido de forma tão súbita e a vida ter mudado para todos eles, Ethan vivera na sua própria casinha, com o sossego da sua própria rotina. Ainda sentia falta dela, embora tentasse não se ressentir do jovem casal que agora lhe pagava a renda por ela. Eles adoravam o seu aconchego e diziam-lho muitas vezes. Os pequenos quartos com as suas janelas altas, o pequeno alpendre coberto, a privacidade da sombra das árvores que a abrigavam e a protuberância sobre a costa.

Ele também a adorava. Com Cam casado e Anna a mudar-se, talvez conseguisse escapar-se novamente. Mas agora o dinheiro da renda fazia falta. E, mais importante, ele dera a sua palavra. Viveria ali até que todas as

batalhas legais fossem travadas e ganhas e Seth fosse deles de forma permanente.

Embalou-se, escutando o início do chamamento das aves noturnas. E deve ter dormitado, porque o sonho surgiu, e surgiu com nitidez.

«Sempre foste mais solitário do que os outros», comentou Ray. Sentou-se no corrimão do alpendre, virou-se ligeiramente para poder olhar para a água se quisesse. O seu cabelo estava tão reluzente como uma moeda de prata à média luz, esvoaçando livremente na brisa calma. «Sempre gostaste de te afastar para ficares sozinho para pensares nas tuas coisas e resolveres os teus problemas.»

«Eu sabia que podia sempre ir ter contigo ou com a mãe. Só gostava de perceber primeiro as coisas.»

«Então, e agora?» Ray virou-se para encarar Ethan de frente.

«Não sei. Talvez ainda não as tenha percebido bem. O Seth está a adaptar-se. Está mais à vontade connosco. Nas primeiras semanas, estava sempre à espera que ele fugisse. Perder-te magoou-o quase tanto a ele como a nós. Talvez até o mesmo, porque ele tinha acabado de começar a acreditar que as coisas lhe estavam a correr bem.»

«Foi má a maneira como ele teve de viver de eu o trazer para cá. Mesmo assim, não foi tão mau como o que tu enfrentaste, Ethan, e tu conseguiste ultrapassar.»

«Quase não conseguia.» Ethan puxou de um dos seus charutos, demorando o seu tempo a acendê-lo. «Às vezes ainda me assola. A dor e a vergonha. E o medo assustador de saber o que ia acontecer a seguir.» Encolheu os ombros como se para afastar a ideia. «O Seth é um pouco mais novo do que eu era. Acho que já esqueceu uma parte. Desde que não tenha de lidar novamente com a mãe.»

«Ele vai acabar por ter de lidar com ela, mas não estará sozinho. Essa é que é a diferença. Todos vocês irão apoiá-lo. Sempre se apoiaram uns aos outros.» Ray sorriu, com o seu grande rosto largo a enrugar-se todo ao mesmo tempo. «O que é que estás a fazer sentado aqui fora sozinho num sábado à noite, Ethan? Juro, rapaz, tu preocupas-me.»

«Tive um dia comprido.»

«Quando eu tinha a tua idade, trabalhava dias compridos e noites ainda mais. Acabaste de fazer trinta anos, por amor de Deus. Estar sentado no alpendre numa noite quente de sábado em Junho é coisa de velho. Vá lá, vai dar uma volta de carro. Vê lá onde vais parar.» Piscou o olho. «Aposto que ambos sabemos onde é que é provável que seja.»

O súbito som estridente de disparos de armas automáticas e de gritos fez Ethan saltar da cadeira. Pestanejou e olhou fixamente para o corrimão do alpendre. Não estava lá ninguém. Claro que não estava lá ninguém, disse

a si mesmo com uma rápida sacudidela. Tinha dormitado por instantes, era só isso, e a acção do filme na sala de estar acordara-o.

Mas, quando baixou o olhar, viu o charuto reluzente na mão. Desconcertado, limitou-se a olhar especado para ele. Tinha-o realmente tirado do bolso e acendido durante o sono? Era ridículo, absurdo. Devia tê-lo feito antes de ter adormecido, por um hábito tão automático que a sua mente já não registava os movimentos.

Ainda assim, porque é que adormecera se não se sentia minimamente cansado? Na verdade, sentia-se irrequieto e ansioso, e demasiado alerta.

Levantou-se, esfregando a nuca, esticando as pernas numa viagem a passo para cima e para baixo no alpendre. Devia simplesmente entrar e instalar-se a ver o filme, com algumas pipocas e outra cerveja. No momento em que alcançava a porta mosquiteira, praguejou.

Não estava com disposição para um sábado à noite a ver filmes. Iria dar uma volta de carro para ver onde iria parar.

Os pés de Grace estavam dormentes até aos tornozelos. Os malditos saltos altos que faziam parte da sua farda de empregada de bar estavam a dar cabo dela. Nas noites de semana não era assim tão mau, quando tinha tempo para os descalçar ou até mesmo para se sentar por uns minutos de vez em quando. Mas o Shiney's Pub estava sempre a transbordar ao sábado à noite – e ela também.

Levava a bandeja de copos vazios e cinzeiros cheios para o balcão, despejando-a de forma eficiente enquanto gritava o seu pedido ao empregado de balcão. – Dois brancos da casa, duas imperiais, um gim tónico e uma água com gás e lima.

Tinha de esganiçar a voz por cima do barulho da multidão e daquilo a que dificilmente se podia chamar de música da banda de três elementos que Shiney contratara. A música era sempre péssima no bar, porque Shiney não desembolsava o dinheiro necessário para músicos decentes.

Mas ninguém parecia incomodar-se.

A minúscula pista de dança estava apinhada de dançarinos, e a banda tomou isso como um sinal para aumentar o volume.

A cabeça de Grace retinia como sinos de aço e as suas costas começavam a vibrar ao ritmo do baixo.

Com o pedido completo, transportou a bandeja através dos espaços estreitos entre as mesas e esperou que o grupo de jovens turistas com roupas da moda lhe desse uma gorjeta decente.

Serviu-os com um sorriso, anuiu com a cabeça ao sinal para fazer a conta e seguiu o chamamento para a mesa seguinte.

Ainda faltavam dez minutos para a sua pausa. Bem podiam ser dez anos.

– Olá, Gracie.

– Como vai isso, Curtis, Bobbie? – Andara na escola com eles no obscuro e distante passado. Agora trabalhavam para o seu pai a empacotar marisco. – O costume?

– Sim, duas imperiais. – Curtis deu a Grace o seu costume – uma palmada rápida no seu traseiro empinado. Ela aprendera a não se ralar com isso. Vindo dele, era um gesto suficientemente inofensivo, até mesmo uma demonstração de apoio afectuoso. Alguns dos forasteiros que apareciam tinham mãos muito menos inofensivas. – Como é que está aquela tua menina linda?

Grace sorriu, percebendo que esta era uma das razões pelas quais tolerava as suas palmadas. Ele perguntava sempre por Aubrey. – Cada dia mais bonita. – Viu outra mão a saltar de uma mesa próxima. – Trago-vos essas cervejas num minuto.

Carregava uma bandeja cheia de canecas, tigelas de amendoins e copos quando Ethan entrou. Quase a deixou cair. Ele nunca ia ao bar ao sábado à noite. Às vezes aparecia para uma cerveja sossegada a meio da semana, mas nunca quando aquilo estava apinhado de gente e barulhento.

Devia ter a mesma aparência de qualquer outro homem ali. Tinha as calças de ganga desbotadas mas limpas, uma T-shirt branca lisa enfiada nelas, e as suas botas de trabalho antigas e gastas. Mas não tinha a mesma aparência que os outros homens – e, para Grace, nunca tivera.

Talvez fosse o corpo esguio e amplo que se movia com tanta facilidade como um bailarino por entre os espaços estreitos. Graciosidade inata, pensou ela, daquela que não pode ser ensinada, e, ainda assim, tão descaradamente masculina. Parecia sempre que estava a caminhar sobre o convés de um navio.

Podia ser o seu rosto, tão ossudo e marcado, e algures mesmo à beira de ser atraente. Ou os olhos, sempre tão claros e atenciosos, tão sérios que parecia que demoravam uns segundos a acompanhar sempre que a boca se curvava.

Ela serviu as bebidas, embolsou o dinheiro, anotou mais pedidos. E observou pelo canto do olho enquanto ele se espremia para arranjar um lugar em pé ao balcão mesmo ao lado do local onde ela fazia os pedidos.

Esqueceu-se da sua tão desejada pausa.

– Três imperiais, uma garrafa de Mich, uma Stoli com gelo. – Distraidamente, esfregou a franja e sorriu. – Olá, Ethan.

– Isto hoje está cheio.

– Sábado à noite. Queres uma mesa?

– Não, estou bem assim.

O empregado de balcão estava ocupado com outro pedido, o que lhe deu algum espaço para respirar. – O Steve está com as mãos cheias, mas há-de conseguir chegar aqui.

– Não estou com pressa. – Por regra, ele tentava não pensar em como lhe ficava a saia folgada no rabo, aquelas pernas intermináveis com meias de rede, os pés estreitos em saltos fininhos. Mas, naquela noite, apetecia-lhe, portanto permitiu-se a si próprio pensar.

Naquele preciso momento, teria podido explicar a Seth o porquê de tanto alarido por causa dos seios. Os de Grace eram pequenos e empinados, e uma pequena parte da sua curva era revelada pelo decote baixo do peitilho da sua blusa.

De repente, quis desesperadamente uma cerveja.

– Tens alguma hipótese de te sentares?

Ela não respondeu por um instante. Ficara com a mente em branco pela forma como aqueles olhos tranquilos e pensativos tinham deslizado sobre ela. – Eu, hã... sim, está quase na hora da minha pausa. – Sentiu as mãos desajeitadas quando anotou o seu pedido. – Gosto de ir lá para fora, afastar-me do barulho. – Esforçando-se para agir com normalidade, revirou os olhos em direcção à banda e foi recompensada pelo sorriso lento de Ethan.

– Conseguem fazer pior do que isto?

– Ah, sim, estes tipos são um verdadeiro passo em frente. – Estava quase descontraída outra vez quando levantou a bandeja e se afastou para ir servir.

Ele observou-a enquanto bebericava a cerveja que Steve lhe tirara. Observou a forma como as pernas dela se mexiam, a maneira como a tola e incrivelmente sensual curva balançava com as suas ancas. E a forma como dobrava os joelhos, equilibrando a bandeja, retirando de lá bebidas para as colocar sobre a mesa.

Observou, encolhendo os olhos, quando Curtis mais uma vez deu a Grace uma palmada amigável.

Os seus olhos encolheram-se mais quando um estranho com uma T-shirt desbotada de Jim Morrison lhe agarrou na mão puxando-a para si. Viu Grace a esboçar um sorriso, a abanar a cabeça. Ethan estava já a afastar-se do balcão, sem estar inteiramente certo do que tencionava fazer, quando o homem a soltou.

Quando Grace regressou para pousar a bandeja, foi Ethan que lhe agarrou na mão. – Faz a tua pausa.

– O quê? Eu... – Para choque dela, ele puxou-a com força através da sala. – Ethan, eu preciso mesmo de...

– Faz a tua pausa – disse ele, novamente, abrindo a porta com um encontrão.

O ar lá fora era limpo e fresco, a noite quente e arejada. No momento em que a porta se fechou atrás deles, o barulho esvaiu-se num rugido ecoante abafado e o fedor a fumo, suor e cerveja transformou-se numa memória.

– Acho que não devias estar a trabalhar aqui.

Ela olhou para ele boquiaberta. A afirmação em si já era suficientemente estranha, mas ouvi-lo a proferi-la num tom que era obviamente de irritação foi desconcertante. – Desculpa?

– Tu ouviste-me, Grace. – Enfiou as mãos nos bolsos porque não sabia o que fazer com elas. Deixadas à solta, poderiam tê-la agarrado outra vez. – Não está certo.

– Não está certo? – repetiu ela, à toa.

– Tu és mãe, valha-me Deus. O que é que andas a fazer a servir bebidas, a usar essa roupa, a ser assediada? Aquele gajo ali tinha praticamente a cara na tua blusa.

– Oh, não tinha nada. – Dividida entre o divertimento e a exasperação, abanou a cabeça. – Por amor de Deus, Ethan, ele estava apenas a ser típico. E inofensivo.

– O Curtis tinha a mão no teu rabo.

O divertimento estava a transformar-se em irritação. – Eu sei onde ele tinha a mão, e, se isso me preocupasse, eu tê-la-ia tirado.

Ethan respirou fundo. Ele é que tinha começado, sensatamente ou não, e ele é que ia acabar. – Não devias estar a trabalhar seminua num bar qualquer nem a tirar a mão de ninguém do teu rabo. Devias estar em casa com a Aubrey.

Os olhos dela passaram de ligeiramente irritados a extremamente furiosos. – Ai é? É essa a tua opinião reflectida? Bem, muito obrigada por a partilhares comigo. E, para tua informação, se eu não estivesse a trabalhar – e podes crer que não ando seminua –, não teria uma casa.

– Tu tens um emprego – disse ele teimosamente. – A limpar casas.

– É isso mesmo. Eu limpo casas, sirvo bebidas e, de vez em quando, escolho caranguejos. É o tão espantosamente habilidosa e versátil que sou. Também pago renda, seguros, contas do médico, água e luz e uma *baby-sitter*. Compro comida, compro roupa e gasolina. Tomo conta de mim e da minha filha. Não preciso que venhas até aqui dizer-me que não está certo.

– Só estou a dizer. . .

– Eu sei o que estás a dizer. – Tinha os calcanhares a latejar, e cada dor no seu corpo sobrecarregado estava a começar a revelar-se. Pior, muito pior, era a difícil sensação de constrangimento por ele olhar de alto para

ela por causa do que ela fazia para sobreviver. – Eu sirvo *cocktails* e deixo os homens olharem para as minhas pernas. Talvez me dêem uma gorjeta melhor se gostarem delas. E, se me derem uma gorjeta melhor, posso comprar à minha menina qualquer coisa que a faça sorrir. Portanto, podem olhar tudo o que lhes apetecer. E como eu pedia a Deus ter um tipo de corpo que enchesse esta roupa estúpida, porque assim ganhava mais.

Ele teve de fazer uma pausa antes de falar, para reorganizar as suas ideias. O rosto dela estava corado de raiva, mas os seus olhos estavam tão cansados que lhe partiam o coração. – Estás a vender-te por pouco, Grace – disse ele com calma.

– Sei exactamente quanto valho, Ethan. – O seu queixo inclinou-se. – Até ao último centavo. Agora acabou a minha pausa.

Virou-se nos seus desgraçadamente latejantes calcanhares e voltou a entrar no barulho e no ar entupido de fumo.

– Também preciso do coelhinho.

– Está bem, bebê, vamos buscar o teu coelhinho. – Era sempre uma aventura, pensou Grace. Não iam mais longe do que à caixa de areia no quintal, mas Aubrey nunca deixava de exigir que todos os seus amigos de peluche a acompanhassem.

Grace resolvera este problema logístico com um saco de alças enorme. Lá dentro tinha um urso, dois cães, um peixe e um gato muito esfarrapado. O coelho fazia-lhes companhia. Apesar de Grace ter os olhos congestionados por ter dormido pouco, abriu um sorriso quando Aubrey tentou levantar o saco sozinha.

– Eu levo-os, querida.

– Não, eu.

Era a expressão preferida de Aubrey, pensou Grace. A sua bebé gostava de ser ela a fazer as coisas, mesmo quando seria mais simples deixar outra pessoa fazê-las. A quem teria ido buscar isso?, pensou Grace, rindo-se das duas.

– Ora bem, vamos lá pôr o pessoal lá fora. – Abriu a porta mosquiteira – que rangeu muito, lembrando-a de que precisava de olear as dobradiças – e esperou enquanto Aubrey arrastava o saco pela entrada da porta até ao minúsculo alpendre das traseiras.

Grace dera mais vida ao alpendre ao pintá-lo de azul-claro e ao acrescentar vasos de barro cheios de gerânios cor-de-rosa e brancos. Na sua cabeça, a pequena casa arrendada era temporária, mas ela não queria que *parecesse ser* temporária. Queria que parecesse ser o seu lar. Pelo menos até poupar dinheiro suficiente para dar de entrada para uma casa sua.

Lá dentro, o tamanho das divisões era escasso, mas ela resolvera isso – e ajudara a equilibrar o seu saldo bancário – mantendo um mínimo de mobília. A maior parte do que tinha eram pechinchas compradas em vendas de quintal, mas ela pintara, retocara, colocara novos estofos e transformara cada peça numa coisa sua.

Para Grace, era vital ter as suas coisas.

A casa tinha uma canalização antiga, um telhado que deixava passar água depois de uma chuva forte e janelas que deixavam passar o ar. Mas tinha dois quartos, o que fora essencial. Ela quisera que a filha tivesse um quarto só dela, um quarto luminoso e alegre. Certificara-se disso, aplicando

ela própria o papel de parede, pintando o lambril, acrescentando cortinas ornamentadas.

Já lhe partia o coração o facto de saber que estava quase na altura de desmontar o berço de Aubrey e substituí-lo por uma cama de criança.

– Cuidado com os degraus – advertiu Grace, e Aubrey começou a descer, com os dois ténis minúsculos a pisar com firmeza cada um dos degraus na descida. No momento em que chegou ao fim, começou a correr, arrastando o seu saco atrás dela e guinchando de ansiedade.

Ela adorava a caixa de areia. Grace ficava orgulhosa por ver Aubrey a fazer o seu tradicional caminho a direito até ela. Fora Grace que a construíra, utilizando sobras de madeira que lixara meticulosamente e pintara de vermelho-vivo. Lá dentro estavam os baldes e as pás e os grandes carros de plástico, mas ela sabia que Aubrey não iria tocar em nenhum deles antes de instalar os seus animais de estimação.

Um dia, Grace prometeu a si mesma, Aubrey iria ter um cachorrinho a sério e um quarto de brincar, para poder receber a visita dos amigos e passar longas tardes chuvosas.

Grace agachou-se enquanto Aubrey colocava os seus brinquedos cuidadosamente na areia branca. – Sentas-te aqui a brincar enquanto eu corto a relva. Prometes?

– Está bem. – Aubrey ergueu o olhar para ela, com as covinhas a tremer. – Brinca tu.

– Daqui a um bocadinho. – Afagou os caracóis de Aubrey. Nunca se fartava de tocar neste milagre que proviera dela. Antes de se levantar, olhou em volta, com os olhos de mãe a verificar se havia algum perigo.

O quintal era vedado, e ela própria instalara uma fechadura à prova de crianças no portão. Aubrey tinha tendência a ser curiosa. Uma trepadeira florida divagava pela cerca que contornava a sua casa e a dos Cutter, e, por volta do fim do Verão, já a deveria cobrir de flores.

Ninguém se mexia na casa ao lado, reparou. Num domingo de manhã, era demasiado cedo para que os vizinhos estivessem a fazer algo mais do que preguiçar e pensar no pequeno-almoço. Julie Cutter, a filha mais velha da casa, era a sua muito estimada *baby-sitter*.

Reparou que Irene, a mãe de Julie, passara algum tempo no jardim no dia anterior. Nem uma única erva daninha se atrevia a revelar-se nas flores de Irene Cutter nem no seu canteiro de legumes.

Com algum constrangimento, Grace olhou de relance para o fundo do seu quintal, onde ela e Aubrey tinham plantado alguns tomates, feijões e cenouras. Ali havia imensas ervas daninhas, pensou com um suspiro. Teria de tratar disso depois de cortar a relva. Só Deus sabia porque pensara que iria ter tempo para tratar de um jardim. Mas tinha sido

tão divertido cavar a terra e plantar as sementes com a sua menina.

Tal como seria tão divertido entrar na caixa de areia para construir castelos e inventar jogos. Não, não vais nada, ordenou Grace a si própria e levantou-se. A relva estava quase à altura do tornozelo. Podia ter sido relva arrendada, mas agora era dela, e era sua responsabilidade. Ninguém iria dizer que Grace Monroe não sabia tratar do que era seu.

Guardava o velho cortador de relva em segunda-mão debaixo de um igualmente velho oleado. Como era hábito, verificou primeiro o nível da gasolina, lançando outro olhar sobre o ombro para se certificar de que Aubrey ainda estava enfiada na caixa de areia. Agarrando na corda de arranque com as duas mãos, deu um puxão. E recebeu uma tosse seca em resposta.

– Vá lá, não brinques comigo hoje. – Já perdera a conta das vezes que remexera, reparara e batera na velha máquina. Rolando os ombros que protestavam, deu outro puxão, depois um terceiro, antes de deixar a corda voltar para trás e de comprimir os olhos com os dedos. – Era de esperar.

– Está a dar-te problemas?

A sua cabeça virou-se ao contrário. Depois da discussão que tinham tido na noite anterior, Ethan era a última pessoa que Grace esperava ver no seu quintal. Não ficou agradada, principalmente porque dissera a si mesma que conseguiria e iria continuar zangada com ele. Pior, sabia o aspecto com que estava – calções cinzentos velhos e uma T-shirt que já vira demasiadas lavagens, nem um traço de maquilhagem e o cabelo por pentear.

Bolas, tinha-se vestido para trabalhar no duro, não era para ter companhia.

– Eu trato disto. – Deu um novo puxão, com o pé, enfiado num ténis com um buraco no dedo, a pisar a parte lateral da máquina. Quase pegou, quase, quase.

– Deixa-o descansar um minuto. Assim só vais afogá-lo.

Desta vez, a corda voltou para trás com um silvo perigoso. – Eu sei como fazer pegar o meu próprio cortador de relva.

– Imagino que sim, quando não estás zangada. – Encaminhou-se para ela enquanto falava, todo esguio e à vontade, com umas calças de ganga desbotadas vestidas e uma camisa de trabalho enrolada até aos cotovelos.

Tinha dado a volta à casa quando ela não atendeu a porta. E sabia que iria ficar parado a observá-la um bocadinho mais de tempo do que a rigorosa educação mandava. Ela tinha uma maneira tão bonita de se mexer.

Decidira algures durante a noite inquieta que o melhor era arranjar maneira de fazer as pazes. E passara uma boa parte da manhã a tentar imaginar como fazê-lo. Então, vira-a, com todos aqueles membros longos e es-

guios que o Sol tornava dourados, o cabelo luminoso, as mãos estreitas. E só quisera ficar um bocadinho a ver.

– Não estou zangada – disse ela com um silvo impaciente que provava que a sua afirmação era mentira. Ele apenas a olhou nos olhos.

– Escuta, Grace...

– Eeee-than! – Com um guincho de puro prazer, Aubrey trepou para sair da caixa de areia e correu para ele – com um salto para fora, de braços esticados, rosto iluminado de alegria.

Ele apanhou-a, girou-a no ar e à volta. – Olá, Aubrey.

– Anda brincar.

– Bem, eu...

– Beijo.

Ela franziu os pequenos lábios com tanta energia que ele teve de se rir e dar-lhe uma beijoca amigável.

– Está bem! – Contorceu-se para descer e correu de volta para a sua caixa de areia.

– Olha, Grace, desculpa se ontem à noite passei das marcas.

O facto de o seu coração se ter derretido quando ele pegou na sua filha ao colo só a tornou mais determinada a manter-se firme. – Se?

Ele mudou de posição, claramente pouco à vontade. – Só quis dizer que...

A sua explicação foi interrompida quando Aubrey voltou para trás a correr com os seus adorados cães de peluche. – Beijo – afirmou, com muita firmeza, e levantou-os para Ethan. Ele fez-lhe a vontade, esperando que ela fugisse a correr novamente.

– O que quis dizer foi que...

– Acho que disseste o que querias dizer, Ethan.

Ela ia ser teimosa, pensou ele com um suspiro para dentro. Bem, sempre o fora. – Não o disse muito bem. A maior parte das vezes, as palavras baralham-me. Detesto ver-te a trabalhar tanto. – Fez uma pausa, paciente, quando Aubrey regressou, exigindo um beijo ao seu urso. – Preocupo-me um pouco contigo, é só isso.

Grace inclinou a cabeça. – Porquê?

– Porquê? – A pergunta desconcertou-o. Dobrou-se para beijar o coelho de peluche com que Aubrey batia contra a sua perna. – Bem, eu... porque sim.

– Porque eu sou mulher? – sugeriu. – Porque sou uma mãe sozinha? Porque o meu pai acha que eu manchei o nome da família não só por ter sido obrigada a casar, mas também por me ter divorciado?

– Não. – Deu um passo para se aproximar dela, beijando distraidamente o gato que Aubrey lhe levantava. – Porque te conheço há mais de me-

tade da minha vida, e isso torna-te parte dela. E porque talvez sejas teimosa de mais ou orgulhosa de mais para perceberes quando alguém apenas quer ver as coisas um bocadinho mais facilitadas para ti.

Ela começou a dizer-lhe que agradecia, sentiu-se a começar a amolecer. Depois, ele estragou tudo.

– E porque não gostei de ver homens a porem-te a pata em cima.

– A porem-me a pata em cima? – Endireitou as costas; esticou o queixo. – Os homens não estavam a pôr-me a pata em cima, Ethan. E, se estivessem, eu sei o que fazer em relação a isso.

– Não fiques outra vez toda agitada. – Ele coçou o queixo, esforçou-se para não suspirar. Não percebia a finalidade de se discutir com uma mulher – nunca se conseguia ganhar. – Vim até cá dizer-te que estou arrependido, e, portanto, talvez eu possa...

– Beijo! – exigiu Aubrey, e começou a trepar pela perna dele acima.

Instintivamente, Ethan puxou-a para cima, para os seus braços, e beijou-lhe a bochecha. – Estava a dizer...

– Não, beija a mamã. – Balançando-se nos seus braços, Aubrey empurrou-lhe os lábios para os franzir. – Beija a mamã.

– Aubrey! – Mortificada, Grace esticou-se para pegar na filha, mas Aubrey agarrou-se à camisa de Ethan como um ouriço dourado. – Deixa o Ethan em paz.

Mudando de tática, Aubrey deitou a cabeça no ombro de Ethan e sorriu docemente – com um braço a agarrar-se à volta do seu pescoço como uma trepadeira enquanto Grace a puxava. – Beija a mamã – sussurrou, e piscou os olhos a Ethan.

Se Grace se tivesse rido em vez de parecer tão constrangida – e um bocadinho nervosa –, Ethan pensou que poderia ter-lhe roçado os lábios na testa e resolvido o assunto. Mas as bochechas dela tinham ficado rosadas – era tão enternecedor. Não queria encontrar os olhos dele e estava com a respiração irregular.

Ele viu-a a morder o lábio inferior e decidiu que o melhor era resolver o assunto de uma maneira completamente diferente.

Pousou a mão no ombro de Grace com Aubrey entre eles os dois. – Assim vai ser mais fácil – murmurou, e tocou levemente nos lábios dela com os seus.

Não foi mais fácil. O coração dela ficou abalado. Aquilo mal podia ser considerado um beijo, tendo acabado quase antes de começar. Não foi mais do que um tranquilo roçar de lábios, um instante de paladar e textura. E uma lufada de promessa que a fez ansiar de forma desesperada, impossível.

Durante todos os anos em que a conheceu, nunca tocara a sua boca

com a dele. Agora, apenas com esta rápida amostra, perguntava-se porque esperara tanto tempo. E preocupava-se por essa dúvida poder vir a mudar tudo.

Aubrey bateu palmas de contentamento, mas ele mal as ouviu. Os olhos de Grace estavam agora postos nos dele, com aquele indistinto verde-mar, e os seus rostos estavam próximos. Próximos o suficiente para que ele só tivesse de se aproximar um nadinha se quisesse provar novamente. Desta vez, para se demorar, pensou, enquanto os lábios dela se abriam num fôlego tremente.

– Não, eu! – Aubrey aterrou a boquinha macia na bochecha da mãe, depois na de Ethan. – Anda brincar.

Grace deu um solavanco para trás como se fosse um fantoche a quem tivessem puxado os cordéis com força. A sedosa nuvem cor-de-rosa que começara a enevoar-lhe o cérebro evaporou-se. – Já vou, querida. – Agora mexendo-se rapidamente, arrancou Aubrey dos braços de Ethan e pô-la em pé. – Vai lá construir-me um castelo para lá vivermos. – Deu uma palmadinha suave na nádega de Aubrey e incitou-a a correr.

Depois, clareou a garganta. – És extremamente bom para ela, Ethan. Eu agradeço.

Ele decidiu que o melhor sítio para pôr as mãos, naquelas circunstâncias, era dentro dos bolsos. Não estava certo do que fazer em relação ao formigueiro que sentia nelas. – Ela é uma querida. – Deliberadamente, virou-se para observar Aubrey na sua caixa de areia vermelha.

– E uma carga de trabalhos. – Precisava de se recompor, disse Grace a si mesma, e de fazer o que era preciso fazer a seguir. – Porque é que não esquecemos a noite passada, Ethan? Tenho a certeza de que as tuas intenções eram as melhores. Só que a realidade nem sempre é o que escolhemos nem o que gostaríamos que fosse.

Ele virou-se para trás lentamente, com aqueles seus olhos tranquilos concentrados no rosto dela. – Como é que querias que fosse, Grace?

– O que eu quero é que a Aubrey tenha uma casa e uma família. Acho que estou bastante perto disso.

Ele abanou a cabeça. – Não, o que é que queres para a Grace?

– Para além dela? – Olhou para a sua filha e sorriu. – Já nem me lembro. Neste momento, quero a minha relva aparada e os meus legumes sem ervas daninhas. Agradeço que tenhas aparecido por cá assim. – Virou-se para o outro lado e preparou-se para dar outro puxão à corda de arranque. – Amanhã estou lá em casa.

Ela ficou muito quieta quando as mãos dele se fecharam nas suas.

– Eu corto a relva.

– Eu consigo.

Ela nem conseguia fazer pegar o maldito cortador de relva, pensou ele, mas foi suficientemente sensato para não o referir. – Não disse que não conseguias. Disse que fazia eu.

Ela não conseguia virar-se, não podia correr o risco das consequências para o seu corpo ao ficar novamente assim tão perto, cara a cara. – Tu tens coisas para fazer.

– Grace, vamos ficar aqui o dia todo a discutir sobre quem vai cortar esta relva? Eu podia tê-la cortado duas vezes na altura em que terminássemos, e tu podias estar a salvar os teus feijões-verdes de serem estrangulados por aquelas ervas daninhas.

– Já ia tratar deles. – A voz dela estava fraca. Estavam os dois inclinados, quase encaixados um no outro. O vislumbre de pura luxúria animal que lhe percorreu o familiar desejo por ele abalou-a.

– Vai tratar deles agora. – Ele murmurou, incitando-a a mexer-se. Se ela não o fizesse, e muito rapidamente, ele poderia não ser capaz de conter a vontade de lhe pôr as mãos em cima. E de as pôr em sítios onde não tinham nada de estar.

– Está bem. – Ela virou-lhe as costas, dirigindo-se para o lado enquanto o seu coração lhe batia nas costelas com breves cajadadas. – Agradeço. Obrigada. – Mordeu o lábio com força porque ia balbuciar. Decidida a ser normal, virou-se e sorriu um pouco. – Provavelmente, é outra vez o carburador. Eu tenho umas ferramentas.

Sem dizer nada, Ethan agarrou na corda com uma mão e puxou-a com força, duas vezes. O motor pegou com um rugido dispéptico. – Deve chegar – disse ele, calmamente, quando viu a boca dela comprimir-se de frustração.

– Pois, deve chegar. – Esforçando-se por não ficar aborrecida, enca-minhou-se rapidamente para o seu canteiro de legumes.

E inclinou-se, pensou Ethan enquanto começava a cortar a primeira leira. Inclinou-se com aqueles calções de algodão fininhos de uma maneira que o obrigou a fazer várias inspirações longas e cuidadosas.

Ela não fazia ideia, concluiu ele, do que o facto de ter o seu rabinho bem feito encostado a si fizera às suas habitualmente bem disciplinadas hormonas. O que o facto de ter toda aquela perna longa e nua a roçar-se na sua fizera à habitualmente moderada temperatura do seu sangue.

Ela podia ser mãe – um facto de que se lembrava com frequência para manter afastados os pensamentos obscuros e perigosos – mas, na sua opinião, ela era quase tão inocente e distraída como quando tinha catorze anos.

Quando ele começara a ter aqueles pensamentos obscuros e perigosos em relação a ela.

Ele retraía-se de agir de acordo com eles. Por amor de Deus, ela era apenas uma miúda. E um homem com o seu passado não tinha o direito de tocar em ninguém tão incorrupto. Ao invés, fora seu amigo, e encontrara nisso satisfação. Pensara que conseguia continuar a ser seu amigo, apenas e só seu amigo. Mas, ultimamente, aqueles pensamentos atormentavam-no com mais frequência e com mais força. Estavam a tornar-se muito difíceis de controlar.

Ambos tinham complicações de sobra nas suas vidas, lembrou-se. Ele ia apenas aparar-lhe a relva, talvez ajudá-la a arrancar algumas ervas daninhas. Se houvesse tempo, iria oferecer-se para as levar à vila para comerem gelados. Aubrey adorava de morango.

Depois tinha de descer até ao estaleiro e deitar-se ao trabalho. E, como era a sua vez de cozinhar, tinha de tratar desse pequeno aborrecimento.

Mas, mãe ou não, pensou ele enquanto Grace se dobrava para puxar um dente-de-leão teimoso, ela tinha um par de pernas impressionante.

Grace sabia que não devia ter deixado persuadir-se a ir à vila, mesmo que fosse para um gelado rápido. Isso significava ajustar o horário do seu dia, mudar para algo menos desonroso do que as suas roupas de jardinagem e passar mais tempo na companhia de Ethan numa altura em que se sentia ligeiramente demasiado ciente das suas necessidades.

Mas Aubrey adorava estes pequenos passeios surpresa, portanto era impossível dizer que não.

S. Cris ficava apenas a um quilómetro e meio, mas eles passaram do bairro sossegado para a agitada zona costeira. Agora, as lojas de brindes e recordações estavam abertas sete dias por semana, para aproveitarem a época de Verão dos turistas. Casais e famílias deambulavam a pé com sacos de compras cheios de recordações para levar para casa.

O céu estava azul brilhante, e a baía reflectia-o, convidando os barcos a cruzarem a sua superfície. Um casal de marinheiros domingueiros tinha emaranhado as cordas do seu pequeno veleiro, deixando as velas cair. Mas pareciam estar a divertir-se como nunca, apesar daquele pequeno contra-tempo.

Grace sentia o cheiro do peixe a fritar, dos doces a derreter, a doçura do coco dos protectores solares, e sempre, sempre, a fragrância húmida da água.

Ela crescera nesta zona costeira, observando os barcos, velejando neles. Corria livremente pelas docas, entrando e saindo das lojas. Aprendeu a seleccionar caranguejos no Joelho da Mãe, ganhando a velocidade e técnica necessárias para separar a carne, aquela preciosa mercadoria

que seria embalada e expedida para todo o mundo.

O trabalho não lhe fora estranho, mas ela sempre fora livre. A sua família vivia bem, para não dizer de forma luxuosa. O seu pai não acreditava em estragar as suas mulheres com demasiados mimos. Ainda assim, fora terno e afectuoso, apesar de inflexível. E nunca lhe fizera sentir que estava decepcionado por ter apenas uma filha, em vez de filhos que continuassem o seu nome.

Fosse como fosse, ela acabou por decepcioná-lo.

Grace balançou Aubrey na sua anca e esfregou-lhe o nariz com o seu.

– Isto hoje está animado – comentou ela.

– Parece estar mais apinhado a cada Verão que passa. – Mas Ethan encolheu os ombros para afastar o pensamento. Precisavam das multidões do Verão para sobreviverem aos Invernos. – Ouvi dizer que o Bingham vai expandir o restaurante e arranjá-lo, para trazer mais pessoas durante todo o ano.

– Bem, ele agora tem aquele cozinheiro que veio do Norte, e recebeu uma crítica na revista do *Washington Post*. – Sacudiu Aubrey na sua anca. – O Egret Rest é o único restaurante com toalhas de mesa por aqui. Remodelá-lo deve ser bom para a cidade. Sempre lá fomos jantar em ocasiões especiais.

Pôs Aubrey no chão, tentando não se lembrar de que não via o interior do restaurante há mais de três anos. Deu a mão a Aubrey e deixou a filha puxá-la constantemente em direcção ao Crawford's.

Este era outro padrão de S. Cris. O Crawford's era para gelados e bebidas frescas e sandes para levar para casa. Como era meio-dia, o estabelecimento estava com o negócio animado. Grace obrigou-se a não estragar as coisas referindo que deviam comer sandes em vez de gelados.

– Olá, Grace, Ethan. Olá, bela Aubrey. – Liz Crawford lançou-lhes um olhar no mesmo momento em que construía com engenho uma sandes de carnes frias. Andara na escola com Ethan e saíra com ele durante um período breve e despreocupado que ambos recordavam com ternura.

Agora era a robusta e sardenta mãe de dois filhos, casada com Júnior Crawford, como era conhecido para se distinguir do seu pai, Sénior.

Júnior, escanzelado como um espantalho, assobiava enquanto registava as vendas e lançou-lhes um cumprimento rápido.

– Dia agitado – disse Ethan, esquivando-se a um cotovelo de um cliente no balcão.

– Digam. – Liz revirou os olhos, embrulhou a sandes habilmente em papel e entregou-a, juntamente com mais três, por cima do balcão. – Todos querem uma sandes?

– Gelado – disse Aubrey, decidida. – Morango.

– Bem, vai lá ter com a Mãe Crawford e diz-lhe o que queres. Ah, Ethan, o Seth esteve cá há um bocadinho com o Danny e o Will. Deus me livre, aqueles miúdos crescem como ervas daninhas no pico do Verão. Carregados de sandes e refrigerantes. Disseram que iam trabalhar para o teu estaleiro.

Ele sentiu uma ligeira sensação de culpa, sabendo que Phillip estava não só a trabalhar, mas também a tomar conta de três miúdos. – Eu próprio irei para lá daqui a pouco.

– Ethan, se não tiveres tempo para isto... – começou Grace.

– Tenho tempo para comer um cone de gelado com uma miúda gira. – Dito isto, levantou Aubrey e deixou-a pressionar o nariz contra o balcão de vidro que continha os baldes de sabores.

Liz anotou o pedido seguinte e lançou ao marido um olhar de sobrolho contorcido que dizia tudo. Ethan Quinn e Grace Monroe, dizia claramente o olhar. Ora, ora. O que é que te parece?

Levaram os cones para a rua, onde a brisa que corria da água era quente, e deambularam para longe das multidões em busca de um dos pequenos bancos de ferro pelos quais os autarcas haviam feito campanha. Munida de uma mão-cheia de guardanapos, Grace sentou Aubrey ao colo.

– Lembro-me de quando vinhas para aqui e sabias o nome de todas as caras que vias – murmurou Grace. – A Mãe Crawford lia um romance de capa mole por detrás do balcão. – Sentiu uma pinga molhada do gelado de Aubrey a cair-lhe na perna por baixo da bainha dos calções e limpou-a. – Lambe à volta, querida, antes que se derreta.

– Tu também comias sempre gelado de morango.

– Hã?

– Pelo que me lembro, – disse Ethan, surpreendido por ter a imagem tão nítida na sua mente, – preferias o morango. E sumo de uva.

– Acho que sim. – Os óculos de sol de Grace escorregaram-lhe do nariz quando se dobrou para enxugar mais pingas. – Tudo era simples se tivéssemos um cone de morango e um sumo de uva.

– Há coisas que continuam a ser simples. – Como ela tinha as mãos ocupadas, Ethan empurrou os óculos de Grace para cima – e pareceu-lhe ver um tremor qualquer nos olhos por trás das lentes escuras. – Outras, não.

Ele olhou em direcção à água enquanto se dedicava ao seu próprio cone. Uma ideia melhor, concluiu, do que observar as longas e lentas lambedelas de Grace no dela. – Nós vínhamos aqui aos domingos, de vez em quando – recordou-se ele. – Todos empilhados no carro em direcção à vila para comermos um gelado ou uma sandes, ou apenas para vermos o que se

passava. A mãe e o pai gostavam de sentar-se numa das mesas com guarda-sóis do restaurante a beber limonada.

– Ainda sinto a falta deles – disse ela, tranquilamente. – Sei que tu sentes. Naquele Inverno, apanhei uma pneumonia – lembro-me da minha mãe e da tua. Parecia que, de cada vez que eu acordava, uma ou outra estavam ali comigo. A Dra. Quinn foi a mulher mais bondosa que conheci. A minha mamã...

Ela deteve-se, abanou a cabeça.

– O que foi?

– Não quero deixar-te triste.

– Não deixas. Acaba lá.

– A minha mãe vai todos os anos ao cemitério na Primavera para pôr flores na campa da tua mãe. Eu vou com ela. Só da primeira vez que lá fomos é que me apercebi do quanto a minha mãe gostava dela.

– Eu perguntava-me quem as punha lá. É bom saber. O que se tem dito... o que algumas pessoas dizem acerca do meu pai tê-la-ia feito perder as estribeiras. Nesta altura já teria escaldado mais do que umas poucas línguas.

– Não é a tua maneira de ser, Ethan. Tens de tratar desse assunto à tua maneira.

– Eles os dois iriam querer que fizessemos o que é melhor para o Seth. Isso viria em primeiro lugar.

– Estás a fazer o que é melhor para ele. De cada vez que o vejo, ele parece mais leve. Ele tinha um peso tão grande sobre si quando veio cá pela primeira vez. O Professor Quinn estava a tratar disso, mas ele já tinha tantos problemas. Tu sabes como ele era preocupado, Ethan.

– Sim. – E a culpa pesou-lhe como uma pedra, mesmo no meio do coração. – Eu sei.

– Agora deixei-te triste. – Ela virou-se para ele e os seus joelhos colidiram. – Fosse o que fosse que o preocupava, nunca serias tu. Tu eras uma luz forte e estável na vida dele. Qualquer pessoa percebia isso.

– Se eu tivesse feito mais perguntas... – começou ele.

– Não é a tua maneira de ser – disse ela, novamente, e, esquecendo-se de que tinha a mão pegajosa, tocou-lhe no rosto. – Sabias que ele haveria de falar contigo quando estivesse preparado, quando pudesse.

– Depois foi tarde de mais.

– Não, nunca é. – Os dedos dela deslizaram levemente sobre o rosto dele. – Há sempre uma oportunidade. Não me parece que eu conseguisse levar um dia atrás do outro se não acreditasse que há sempre uma oportunidade. Não te preocupes – disse ela meigamente.

Ele sentiu qualquer coisa a mexer-se dentro de si quando se esticou

para cobrir a mão dela com a sua. Qualquer coisa a transformar-se e a abrir-se. Então, Aubrey deixou sair um violento guincho de alegria.

– Avô!

A mão de Grace deu um solavanco, depois caiu como uma pedra. Todo o calor que fluíra dela arrefeceu. Os seus ombros ficaram direitos e rígidos quando se virou novamente para a frente e viu o seu pai a dirigir-se a eles.

– Olha a minha boneca. Anda ver o avô.

Grace deixou a filha ir, viu-a a correr e a ser apanhada. O seu pai não se encolheu nem se afastou das mãos pegajosas nem dos lábios lambuzados. Riu-se e abraçou-a e deu-lhe beijos repenicados quando foi profusamente beijado.

– Mmm, morango. Dá-me mais. – Fez barulhos como se estivesse a mastigar no pescoço de Aubrey até ela gritar de satisfação. Depois, levantou-a com facilidade para a sua anca e atravessou a ligeira distância até à sua filha. E deixou de sorrir. – Grace, Ethan. A dar um passeio domingueiro?

Grace tinha a garganta seca e os olhos a arder. – O Ethan convidou-nos para comer um gelado.

– Isso é simpático.

– Parte dele está agora na sua roupa – comentou Ethan, com esperança de aliviar alguma da tensão que se acumulava no ar.

Pete baixou o olhar para a sua camisa, para onde Aubrey transferira parte dos seus estimados morangos. – A roupa lava-se. Não te vejo muitas vezes na marginal aos domingos, Ethan, desde que começaste a construir aquele barco.

– Estou a aproveitar uma hora antes de começar a trabalhar nele hoje. O casco está terminado, o convés está quase.

– Ótimo, isso é bom. – Anuiu com a cabeça, de forma franca, depois virou o olhar para Grace. – A tua mãe está no restaurante. Deve querer ver a neta.

– Está bem. Eu...

– Eu levo-a lá – interrompeu ele. – Podes ir andando para casa quando quiseres, e a tua mãe leva-a daqui a uma hora ou duas.

Ela preferia que ele lhe tivesse dado um estalo do que lhe tivesse falado naquele tom de voz educado e distante. Mas assentiu com a cabeça, enquanto Aubrey já palavra sobre a avó.

– Adeus! Adeus, mamã. Adeus, Ethan – gritou Aubrey por cima do ombro de Pete, enquanto atirava beijos sonoros.

– Desculpa, Grace. – Sabendo que era inadequado, Ethan pegou-lhe na mão e encontrou-a tesa e fria.

– Não faz mal. Não pode fazer mal. E ele adora a Aubrey. É louco por ela. Isso é que importa.

– Não é justo para ti. O teu pai é um bom homem, Grace, mas não foi justo contigo.

– Eu desiludi-o. – Ela levantou-se, limpando rapidamente as mãos aos guardanapos que amarrotara. – E é só.

– Não passa do orgulho dele a marrar no teu.

– Talvez. Mas o meu orgulho é importante para mim. – Atirou os guardanapos para um balde do lixo e disse a si mesma que aquilo era o fim.

– Tenho de voltar para casa, Ethan. Devia estar a fazer um milhão de coisas, e, já que tenho umas horas livres, o melhor é fazê-las.

Ele não a pressionou, mas ficou surpreendido pelo quanto o queria fazer. Ele próprio detestava que o incitassem e chateassem para falar de assuntos privados. – Eu levo-te a casa.

– Não, gostava de ir a pé. Gosto mesmo de andar. Obrigada pela ajuda. – Conseguiu fazer um sorriso que pareceu quase natural. – E pelo gelado. Amanhã estou na tua casa. Lembra-te de dizer ao Seth que a roupa suja dele é para ir para o cesto, não para o chão.

Ela afastou-se, com as suas longas pernas a consumirem o chão. Assegurou-se de que já estava bastante afastada antes de permitir aos seus passos que abrandassem. Antes de esfregar a mão no coração que doía, por mais que lhe ordenasse firmemente para não doer.

Só havia dois homens na sua vida a quem amara realmente. Parecia que nenhum dos dois a poderia querer como ela precisava que a quisessem.

QUATRO

Ethan não ligava à música enquanto trabalhava. A verdade é que o seu gosto musical era vasto e eclético – mais uma dádiva dos Quinn. A casa estivera muitas vezes cheia de música. A mãe tocara um belo piano com tanto entusiasmo pelas obras de Chopin como pelas de Scott Joplin. O talento musical do pai tinha sido o violino, e fora por esse instrumento que Ethan se interessara. Gostava dos seus estados de espírito variados e do seu carácter portátil.

Ainda assim, achava que a música era um desperdício de som sempre que estava concentrado numa tarefa, já que geralmente deixava de a ouvir passados dez minutos. Nessas alturas, preferia o silêncio, mas Seth gostava de ter o rádio ligado no estaleiro, e ligado alto. Portanto, para manter a paz, Ethan desligava-se simplesmente do rock and roll para abanar a carola.

O casco do barco fora calafetado e preenchido, uma tarefa árdua e demorada. Seth dera uma grande ajuda, admitiu Ethan, dando-lhe um par extra de mãos e pés quando precisou deles. Embora Deus soubesse que o rapaz se podia queixar tanto do trabalho como Phillip.

Ethan também se desligou disso – para manter a sanidade.

Esperava acabar de nivelar o convés antes de Phillip chegar para passar o fim-de-semana, planeando primeiro uma diagonal e depois uma perpendicular em ângulo recto.

Com sorte, conseguiria terminar algum trabalho que se visse nessa semana e na próxima na cabina e no *cockpit*.

Seth queixou-se por estar a lixar os pormenores, mas fez um trabalho decente. Ethan só teve de lhe dizer para voltar atrás para lixar novamente partes do entabuamento do casco umas duas vezes. Também não se importava com as perguntas do rapaz. Embora ele tivesse um milhão delas para fazer depois de começar.

– Para que é que serve aquela peça ali?

– É a antepara do *cockpit*.

– Porque é que já a cortaste?

– Porque queremos ver-nos livres do pó todo antes de envernizarmos e vedarmos.

– O que são estas outras merdas todas?

Ethan fez uma pausa no seu trabalho, olhando para baixo, a partir da sua posição, para o sítio onde Seth franzia o sobrolho a uma pilha de ma-

deira já cortada. – Tens as partes laterais e as pontas da cabina, a amurada e as anteparas.

– Parecem-me peças a mais para o estúpido de um barco.

– Vão haver muitas mais.

– Porque é que este gajo não compra um barco já construído?

– Ainda bem para nós que não compra. – Os bolsos fundos do cliente, ponderou Ethan, estavam a dar aos Barcos Quinn os seus alicerces. – Porque ele gostou do outro barco que construí para ele – e assim ele pode dizer a todos os seus amigos influentes que tem um barco que foi concebido e feito à mão para ele.

Seth trocou de lixa e voltou a aplicar-se. Não se importava com o trabalho, a sério. E gostava dos cheiros da madeira e do verniz e também daquele óleo de linhaça. Só que não percebia. – Está a demorar uma eternidade a construir.

– Estou a construí-lo há menos de três meses. Muitas pessoas demoram um ano – até mais – a construir um barco de madeira.

O queixo de Seth caiu. – Um ano! Credo, Ethan!

O queixume sonoro, e muito normal, fez contrair a boca de Ethan. – Descansa que este não nos vai demorar tanto tempo. Assim que o Cam regressar e lhe possa dedicar dias inteiros, vamos despachar-nos. E assim que a escola acabe, tu podes ficar com grande parte do trabalho duro.

– A escola já acabou.

– Hã?

– Acabou hoje. – Agora Seth abria um sorriso largo e brilhante. – Liberdade. Está feito.

– Hoje? – Fazendo uma pausa no trabalho, Ethan franziu o sobrolho.

– Pensava que ainda faltavam uns dias.

– Népia.

Tinha perdido algures a noção das coisas, supôs Ethan. E não era o estilo de Seth – pelo menos, por enquanto – dar informações voluntariamente. – Recebeste a avaliação?

– Sim... Passei.

– Vamos ver de que maneira. – Ethan pousou as ferramentas, esfregou as mãos nas calças de ganga. – Onde é que está?

Seth encolheu os ombros e continuou a lixar. – Está ali na minha mochila. Não é nada de especial.

– Vamos ver – repetiu Ethan.

Seth fez aquilo que Ethan considerava ser a sua dança habitual. Revirou os olhos, encolheu os ombros, e acrescentou um suspiro longo e sofredor. Estranhamente, não terminou com um palavrão, como tinha

tendência a fazer. Encaminhou-se ao sítio onde deixara cair a mochila e vasculhou-a.

Ethan inclinou-se para baixo pelo lado esquerdo para apanhar o papel que Seth segurava. Reparando na expressão amotinada no rosto de Seth, esperou que as notícias fossem más. O seu estômago contraiu-se e revirou-se. O necessário sermão, pensou Ethan com um suspiro interior, ia ser muito desconfortável para eles os dois.

Ethan analisou a folha fininha gerada por computador, empurrando o boné para trás para coçar a cabeça. – Tudo cinco?

Seth sacudiu novamente um ombro, meteu as mãos nos bolsos. – Sim, e então?

– Nunca tinha visto uma folha de avaliação só com cinco. Até o Phillip costumava ter alguns quatros, e talvez um três pelo meio.

O constrangimento e o medo de ser chamado de Cabeça de Ovo, ou outra coisa qualquer igualmente hedionda, surgiram rapidamente. – Não é nada de mais. – Levantou uma mão para pegar na folha de avaliação, mas Ethan abanou a cabeça.

– Não é, o caraças! – Mas viu a expressão carregada de Seth e achou que a compreendia. Era sempre difícil ser-se diferente da maioria. – Tens uma boa cabeça e devias ter orgulho nela.

– Está só aqui. Não é como saber pilotar um barco, nem nada.

– Se tiveres uma boa cabeça e a usares, vais saber como fazer quase tudo. – Ethan dobrou o papel com cuidado e enfiou-o no bolso. Diabos o levassem se não ia exibi-lo um pouco. – A mim parece-me que devíamos ir comer uma pizza ou assim.

Intrigado, Seth encolheu os olhos. – Embrulhaste aquelas míseras sandes para o jantar.

– Agora já não servem. A primeira vez que um Quinn recebe só cinco merece, pelo menos, uma pizza. – Viu a boca de Seth abrir-se e fechar-se, observou a satisfação estonteante a saltar-lhe para os olhos antes de os baixar.

– Claro, isso seria porreiro.

– Consegues aguentar mais uma hora?

– Na boa.

Seth agarrou na lixa e começou a trabalhar furiosamente. E cegamente. Tinha os olhos ofuscados, o coração na garganta. Isso acontecia sempre que algum deles se referia a ele como um Quinn. Ele sabia que o seu nome ainda era DeLauter. Tinha de o escrever no cabeçalho de todos os trabalhos estúpidos que fazia para a escola, não tinha? Mas ouvir Ethan a chamá-lo de Quinn tornava aquele pequeno raio de esperança que Ray lhe acendera meses antes um bocadinho mais brilhante.

Ele ia ficar. Ia ser um deles. Nunca mais iria voltar ao inferno.

Tinha valido a pena ser chamado ao gabinete da Moorefield naquele dia. A vice-presidente do Conselho Directivo andara de roda dele uma hora antes da liberdade. Isso fizera o seu estômago tremer, como sempre acontecia. Mas ela obrigara-o a sentar-se para lhe dizer que estava orgulhosa do seu progresso.

Bem, que humilhação.

Tudo bem, talvez ele não tivesse esmurrado ninguém na cara nos últimos meses. E tinha andado a entregar os estúpidos trabalhos de casa todos os dias porque havia sempre alguém a chateá-lo por causa deles. Phillip era o mais chato de todos nessa área em particular. Era como se o gajo fosse um polícia dos trabalhos de casa, ou assim, pensava agora Seth. E, sim, tinha levantado a mão na aula de vez em quando, apenas por impulso.

Mas ter a Moorefield a distingui-lo daquela maneira tinha sido tão... foleiro, concluiu. Quase desejara que ela o tivesse metido na sala para lhe dar mais uma dose de castigo de retenção na escola.

Mas, se um monte de cincos estúpidos deixavam um gajo como o Ethan feliz, estava tudo bem.

Na consideração de Seth, Ethan era absolutamente espectacular. Trabalhava fora de casa o dia todo e tinha cicatrizes e calos verdadeiramente grossos nas mãos. Seth achava que praticamente se podiam espetar pregos nas mãos de Ethan sem que ele sentisse, de tão duras e fortes que eram. Ele tinha dois barcos – que ele próprio construía – e sabia tudo acerca da baía e da navegação. E não fazia grande alarido acerca disso.

Há uns meses, Seth assistira a *O Comboio Apitou Três Vezes* na televisão, apesar de aquela porcaria ser a preto e branco e de não ter sangue nem explosões. Nessa altura, achava que Ethan era tal e qual aquele gajo, o Gary Cooper. Não dizia muita coisa, o que nos fazia ouvir com mais atenção quando o fazia. E limitava-se a fazer o que precisava de ser feito, sem grande alarde.

Ethan também teria intimidado os vilões. Porque era a coisa certa. Seth matutara naquilo por um bocado e concluía que aquilo é que era um herói. Alguém que só fazia o que estava certo.

Ethan teria ficado aturdido e mortalmente constrangido se tivesse conseguido ler os pensamentos de Seth. Mas o rapaz era perito em guardá-los para si mesmo. Nesse aspecto, ele e Ethan eram quase gémeos.

Podia ter passado pela cabeça de Ethan que o Village Pizza ficava apenas a um curto quarteirão do Shiney's Pub, onde Grace estaria a começar o seu turno, mas não o referiu.

De qualquer maneira, não podia levar o miúdo para dentro de um bar, pensou Ethan enquanto se dirigiam às luzes brilhantes e ao barulho do restaurante local. E Seth iria queixar-se, ruidosamente, se Ethan lhe pedisse para esperar dentro do carro só por uns minutos enquanto ele ia espreitar o bar. Provavelmente, Grace também iria queixar-se se percebesse que ele tinha ido ver como ela estava.

Era melhor esquecer e concentrar-se nos assuntos que tinha em mãos. Enfiou as mãos nos bolsos de trás e analisou a ementa colada na parede por trás do balcão. – O que é que queres na pizza?

– Podes esquecer os cogumelos. São nojentos.

– Nisso estamos de acordo – murmurou Ethan.

– Salame e chouriço. – Seth zombou, mas estragou tudo ao balançar-se um pouco sobre os ténis. – Se te aguentares à bronca.

– Aguento, se tu te aguentares. Olá, Justin – disse ele, cumprimentando com um sorriso o rapaz por detrás do balcão. – Queremos uma grande, com salame e chouriço, e duas Pepsis grandes.

– É para já. Para comer aqui ou para levar?

Ethan perscrutou a dúzia de mesas e cabinas disponíveis e reparou que não tinha sido o único a pensar em comemorar o último dia de escola com pizza. – Vai guardar aquela última cabina ali, Seth. Comemos aqui, Justin.

– Vai sentar-te. Nós levamos as bebidas.

Seth largara a mochila no banco e estava a tamborilar na mesa ao ritmo do som dos Hootie and the Blowfish proveniente da *jukebox*. – Vou dar uns golpes no jogo de vídeo – disse a Ethan. Quando Ethan alcançou o bolso de trás para tirar a carteira, Seth abanou a cabeça. – Eu tenho dinheiro.

– Esta noite não tens – disse Ethan, calmamente, tirando umas notas para fora. – É a tua festa. Toma lá uns trocos.

– Fixe. – Seth agarrou nas notas e afastou-se apressadamente para ir buscar moedas.

Enquanto Ethan deslizava para a cabina, perguntou-se porque é que tantas pessoas achavam que um par de horas dentro de uma sala barulhenta constituía uma grande diversão. Um monte de miúdos já estava a tentar dar uns golpes nos jogos de vídeo no trio de máquinas encostadas à parede do fundo; a *jukebox* mudara para Clint Black – e aquele rapaz da música *country* lamuriava-se. A criança na cabina atrás dele estava a fazer uma autêntica birra, e um grupo de raparigas adolescentes dava risadas a um nível de decibéis que teria feito sangrar os ouvidos de Simon.

Que maneira de passar uma bela noite de Verão.

Então, viu Liz Crawford e Júnior com as suas duas meninas numa cabina próxima. Uma das miúdas – devia ser Stacy, pensou Ethan – falava

depressa, fazendo gestos largos, enquanto o resto da família uivava de riso.

Constituíam uma unidade, pensou, a sua própria pequena ilha no meio das luzes tremeluzentes e do barulho. Supunha que era isso que a família era, uma ilha. Saber-se que se podia lá ir fazia toda a diferença.

Mesmo assim, a ponta de inveja surpreendeu-o, fê-lo mudar de posição desconfortavelmente no assento duro da cabina e carregar a expressão. Tomara a sua decisão acerca de ter uma família anos antes, e não se importava com este súbito ataque de desejo.

– Ora, Ethan, estás com um ar feroz.

Ele ergueu o olhar quando as bebidas foram postas à sua frente na mesa, directamente para os olhos namoradeiros de Linda Brewster.

Ela era um borracho, não havia dúvida. As calças de ganga pretas justas e a T-shirt preta de gola redonda envolviam o seu corpo bem desenvolvido como uma camada de tinta fresca num *Chevy* clássico. Depois de o seu divórcio estar concluído, – fazia segunda-feira uma semana, – mimara-se a si própria com uma manicura e um novo penteado. As suas unhas cor de coral deslizaram pelo seu cabelo louro recentemente cortado e com madeixas enquanto sorria para Ethan.

Já andava de olho nele há algum tempo – afinal de contas, separara-se daquele inútil do Tom Brewster há mais de um ano, e uma mulher tinha de olhar para o futuro. Ethan Quinn devia ser ardente na cama, decidiu. Tinha instinto para essas coisas. Aquelas suas mãos grandes deviam ser extremamente minuciosas, estava certa. E atentas. Oh, sim.

Ela também gostava do aspecto dele. Só um bocadinho duro e gasto. E aquele seu sorriso lento e sensual... quando se conseguia arrancar-lhe um, só lhe apetecia lambe os lábios de ansiedade.

Ele tinha aquele ar sossegado. Linda sabia o que se dizia sobre águas paradas. E estava mortinha por ver o quão profundas corriam as de Ethan Quinn.

Ethan estava bem ciente de por onde andara o olhar dela, e estava também a manter o seu alerta. À procura de espaço para fugir. As mulheres como Linda assustavam-no de morte.

– Olá, Linda. Não sabia que trabalhavas aqui. – Se soubesse, ele teria evitado o Village Pizza como se fosse a peste.

– Estou só a ajudar o meu pai durante umas semanas. – Ela estava nas lonas, e o pai – o proprietário do Village Pizza – dissera-lhe que maldito fosse se ela o ia explorar a ele e à mãe. Tinha de mexer aquele rabo impertinente e pôr-se a trabalhar. – Não te tenho visto ultimamente.

– Tenho andado por aí. – Quem lhe dera que ela se afastasse. O seu perfume deixava-o nervoso.

– Ouvi dizer que tu e os teus irmãos arrendaram aquele celeiro velho

de Claremont e estão a construir barcos. Tenho pensado em aparecer para dar uma espreitadela.

– Não há muito para ver. – Onde diabo estava Seth quando precisava dele?, perguntou-se Ethan, algo desesperado. Quanto tempo poderiam durar aquelas malditas moedas?

– Seja como for, gostava de o ver. – Deslizou aquelas unhas lustrosas pelo braço dele abaixo, e ronronou baixinho quando sentiu a saliência do músculo. – Posso escapar-me daqui por um bocadinho. Porque é que não me levas ali abaixo e me mostras como são as coisas?

A mente dele ficou em branco por instantes. Não passava de um ser humano. E ela percorria o lábio superior com a língua de uma maneira concebida para atrair os olhos de um homem e lhe estimular as glândulas. Não que ele estivesse interessado, nem um pouco, mas já passara muito tempo desde que tivera uma mulher a gemer debaixo dele. E tinha o presentimento de que Linda seria uma campeã do gemido.

– Consegui o resultado mais alto. – Seth atirou-se para dentro da cabina, corado pela vitória, e agarrou na sua Pepsi. Sorveu-a. – Bolas, o que é que está a atrasar aquela pizza? Estou esfomeado.

Ethan sentiu o sangue recomeçar a correr e quase suspirou de alívio. – Deve estar quase.

– Ora. – Apesar do aborrecimento pela interrupção, Linda sorriu com vivacidade a Seth. – Este deve ser a nova aquisição. Como é que te chamas, querido? Não me lembro bem.

– Sou o Seth. – E avaliou-a rapidamente. Fútil, foi o seu primeiro e último pensamento. Tinha visto muitas assim na sua curta vida. – Quem é você?

– Sou a Linda, uma velha amiga do Ethan. O meu papá é dono disto.

– Fixe, então talvez lhe possa dizer para darem gás àquela pizza antes que a gente morra aqui de velhice.

– Seth. – Só a palavra e o olhar silencioso de Ethan chegaram para o rapaz calar a boca. – O teu pai ainda faz a melhor pizza da Costa – disse Ethan com um sorriso mais à vontade. – Não te esqueças de lhe dizer.

– Eu digo. E tu, telefona-me, Ethan. – Sacolejou a mão esquerda. – Hoje em dia, sou uma mulher livre. – Afastou-se, deambulando, com as ancas a balançarem como um metrónomo bem oleado.

– Ela cheira àquele sítio no centro comercial onde vendem aquelas cenas todas para as miúdas. – Seth enrugou o nariz. Não gostara dela porque vira uma sombra da sua mãe nos seus olhos. – Ela só quer saltar-te para a cueca.

– Cala-te, Seth.

– É verdade – disse Seth, com um encolher de ombros, mas esqueceu

alegremente o assunto quando Linda regressou com uma pizza na mão.

– Bom apetite – disse-lhes ela, inclinando-se sobre a mesa só um bocadinho mais do que o necessário, para o caso de Ethan não ter visto bem da primeira vez.

Seth agarrou numa fatia e deu-lhe uma dentada, sabendo que ia queimar o céu da boca. Os sabores explodiram, fazendo com que a queimadela valesse mais a pena. – A Grace faz pizza a partir do nada – disse ele, com a boca cheia. – Ainda é melhor do que esta.

Ethan apenas grunhiu. Pensar em Grace depois de ter considerado – apesar de involuntariamente – uma breve e suada fantasia com Linda Brewster deixava-o nervoso.

– Pois é. Temos de ver se ela nos faz uma num dos dias que for limpar, e assim. Ela vai amanhã, não é? – perguntou Seth.

– Sim. – Ethan pegou numa fatia, irritado por a maior parte do seu apetite o ter abandonado. – Acho que sim.

– Talvez nos faça uma antes de sair.

– Estás a comer pizza hoje.

– E então? – Seth deu conta da primeira fatia com a velocidade e precisão de um chacal. – Podias, tipo, comparar. A Grace devia abrir um restaurante, ou assim, para não ter de trabalhar naqueles empregos diferentes todos. Ela está sempre a trabalhar. Quer comprar uma casa.

– Quer?

– Sim. – Seth lambeu o lado da mão onde pingou molho. – Só uma pequenina, mas tem de ter quintal, para a Aubrey poder correr e ter um cão, e assim.

– Ela contou-te isso tudo?

– Claro. Eu perguntei-lhe porque é que ela andava a estafar-se a limpar todas aquelas casas e a trabalhar no bar, e ela disse que era principalmente por isso. E, se ela não ganhar o suficiente, ela e a Aubrey não vão ter uma casa delas quando a Aub for para o infantário. Acho que até uma casa pequenina custa uma pipa de massa, não é?

– Custa, sim – disse Ethan, tranquilamente. Lembrou-se de como ficara satisfeito, de como ficara orgulhoso quando comprou a sua própria casa na água. O que tinha significado para si saber que tivera êxito no que fazia. – Poupar dinheiro leva tempo.

– A Grace quer ter a casa quando a Aubrey começar a escola. Depois disso, diz que tem de começar a passar fome por causa da faculdade. – Bufou e decidiu que conseguia forçar-se a engolir uma terceira fatia. – Que diabo, a Aubrey é apenas uma bebé, falta um milhão de anos para a faculdade. Também lhe disse isso – acrescentou, porque lhe agradava que as pessoas soubessem que ele e Grace tinham *conversas*. – Ela só se riu e disse

que o primeiro dente tinha rebentado à Aubrey cinco minutos antes. Não percebi.

– Ela quis dizer que os miúdos crescem depressa. – Como não parecia que o seu apetite fosse regressar, Ethan fechou a tampa da pizza e tirou notas para a pagar. – Vamos levá-la de volta para o estaleiro. Já que não tens escola de manhã, podemos trabalhar mais umas duas horas.

Trabalhou mais de duas horas. Depois de começar, parecia não conseguir parar. Aquilo limpava-lhe a mente, impedindo-a de divagar, de questionar, de se preocupar.

O barco era exacto, uma tarefa tangível com um fim previsível. Ele sabia o que estava ali a fazer, tal como sabia o que fazia na Baía. Não havia assim tantas áreas ensombradas de dúvidas e suposições.

Ethan continuou a trabalhar mesmo quando Seth se enroscou num oleado e adormeceu. O som das ferramentas a trabalhar não parecia perturbá-lo – embora Ethan se perguntasse como é que alguém conseguia dormir com a maior parte de uma pizza grande de salame e chouriço no estômago.

Começou a trabalhar nas pontas e postes laterais da braçola da cabina e do *cockpit* enquanto o vento da noite soprava preguiçosamente através das portas abertas das cargas e descargas. Desligara o rádio, para que agora a única música fosse a da água, com as suas notas suaves a deslizarem contra a costa.

Trabalhou lentamente, cuidadosamente, embora fosse bem capaz de visualizar o projecto terminado. Cam, decidiu, trataria da maior parte do trabalho de interiores. Era o mais jeitoso dos três nos acabamentos de carpintaria. Phillip podia tratar dos preliminares; ele era melhor no puro trabalho manual do que gostava de admitir.

Se conseguissem manter o ritmo, Ethan calculava que iriam conseguir ter o barco ajustado e a velejar em dois meses. Deixaria o cálculo dos lucros e percentagens para Phillip. O dinheiro serviria para alimentar os advogados, o estaleiro e as suas próprias barrigas.

Porque é que Grace nunca lhe dissera que queria comprar uma casa?

Ethan franziu o sobrolho pensativamente enquanto escolhia um parafuso galvanizado. Não seria um passo muito grande para discutir com um rapaz de dez anos? No entanto, admitiu, Seth tinha perguntado. Quanto a ele, só lhe tinha dito que não devia trabalhar tanto – não perguntara porque é que insistia em fazê-lo.

Ela devia fazer as pazes com o pai, voltou a pensar. Se ao menos aque-

les dois engolissem aquele teimoso orgulho Monroe durante cinco minutos, podiam chegar a um acordo. Ela engravidara – e não havia dúvida na mente de Ethan de que Jack Casey se aproveitara de uma jovem rapariga ingénua e que merecia um tiro por isso – mas esse assunto estava morto e enterrado.

A sua família nunca guardara rancores, pequenos ou grandes. Tinham discutido, certamente – e ele e os irmãos tinham muitas vezes lutado fisicamente. Mas, quando acabava, estava acabado.

Era verdade que ele cultivara algumas sementes de ressentimento por Cam ter partido para a Europa e Phillip ter-se mudado para Baltimore. Acontecera tão depressa depois de a mãe deles ter morrido, e ele não estava à espera. Tudo mudara num abrir e fechar de olhos, e isso deixara-o agitado.

Mas, mesmo assim, nunca teria voltado as costas a nenhum deles se precisassem dele. E sabia que eles não lhe teriam voltado as costas a si.

O facto de Grace não pedir ajuda, e de o pai não lha oferecer, parecia-lhe ser a maior tolice e o maior desperdício imaginável.

Olhou de relance para o grande relógio redondo pregado à parede sobre as portas dianteiras. Ideia do Phillip, recordou Ethan meio a sorrir. Ele calculara que iriam precisar de saber quanto tempo trabalhavam, mas, pelo que Ethan sabia, Phillip era o único que se dava ao trabalho de marcar o tempo.

Era quase uma hora, o que significava que Grace estaria a terminar o trabalho no bar dentro de uma hora. Não faria mal nenhum carregar o Seth na carrinha e dar uma volta rápida pelo Shiney's. Só para... ver como estavam as coisas.

No momento em que começou a erguer-se, ouviu o rapaz a lamuriar-se durante o sono.

A pizza está finalmente a fazer efeito, pensou Ethan com um abanar de cabeça. Mas supunha que a infância não estaria completa sem a sua quota-parte de dores de barriga. Trepou para descer, rodando os ombros para acabar com os espasmos musculares enquanto se aproximava do rapaz adormecido.

Agachou-se ao lado de Seth, pousou a mão nos seus ombros e deu-lhes um abanão suave.

E o rapaz desatou a balançar-se.

O punho fechado apanhou Ethan directamente na boca e atirou-lhe a cabeça para trás. O choque, mais do que a dor rápida e vívida, fê-lo blasfemar. Impediu o golpe seguinte, depois pegou no braço de Seth com firmeza. – Calma.

– Tira as mãos de cima de mim. – Agreste, desesperado e ainda preso

pelo punho pegajoso do sonho, Seth atacou o ar. – Tira as mãos de cima de mim, porra!

Compreendeu rapidamente. Era o olhar nos olhos de Seth – absoluto terror e fúria violenta. Ele próprio sentira as duas coisas uma vez, juntamente com uma trémula sensação de impotência. Soltou-o, levantou-lhe as mãos de palmas para fora. – Estavas a sonhar. – Disse-o de forma tranquila, sem entoação, e ouviu a respiração irregular de Seth a ecoar no ar. – Adormeceste.

Seth manteve os punhos cerrados. Não se lembrava de ter adormecido. Lembrava-se de se aninhar, ouvindo Ethan a trabalhar. E, quando dera por si, estava de volta a um daqueles quartos escuros, onde os cheiros eram azedos e demasiado humanos e os barulhos que vinham do quarto ao lado eram demasiado altos e animais.

E um dos homens sem rosto que usava a cama da sua mãe esgueirara-se de lá e voltara a pôr-lhe as mãos em cima.

Mas era Ethan que o observava, pacientemente, com demasiado conhecimento nos seus olhos sérios. O estômago de Seth revolvava-se não só pelo que acontecera, mas também porque agora Ethan devia saber.

Por não conseguir pensar em palavras nem em desculpas, Seth fechou simplesmente os olhos.

Foi isso que fez inclinar a balança para Ethan. A rendição para a impotência, o deslizar para a vergonha. Ele deixara esta ferida em paz, mas agora parecia que afinal ia precisar de tratar dela.

– Não tens de ter medo do que já passou.

– Não tenho medo de nada. – Os olhos de Seth abriram-se rapidamente. A raiva contida neles era adulta e amarga, mas a sua voz brotava como a criança que era. – Não tenho medo de um sonho estúpido.

– Também não tens de ter vergonha dele.

Porque tinha, hediondamente, Seth pôs-se de pé. Tinha novamente os punhos cerrados, prontos. – Não tenho vergonha de nada. E tu não sabes rigorosamente nada sobre isso.

– Sei tudo sobre isso. – Porque sabia, detestava falar nisso. Mas, apesar da postura desafiadora, o rapaz estava a tremer, e Ethan sabia o quão sozinho se sentia. Falar nisso era a única coisa que lhe faltava fazer. A coisa certa a fazer.

– Sei o que os sonhos me fizeram, como os tive durante muito tempo depois de essa parte das coisas ter terminado para mim. – E ainda os tinha, de vez em quando, pensou, mas não havia necessidade de dizer ao rapaz que ele poderia ter de enfrentar uma vida inteira de recordações e subjugação. – Sei o que te fazem às entranhas.

– Tretas. – As lágrimas queimavam a parte de trás dos olhos de Seth,

humilhando-o ainda mais. – Não há nada de errado comigo. Eu saí, não saí? Afastei-me dela, não foi? E também não vou voltar, aconteça o que acontecer.

– Não, não vais voltar – concordou Ethan. – Aconteça o que acontecer.

– Não me interessa o que tu ou quem quer que seja pense sobre o que aconteceu naquela altura. E não me vais iludir para eu dizer coisas sobre isso fingindo que sabes.

– Não tens de dizer nada sobre isso – disse-lhe Ethan. – E eu não tenho de fingir. – Apanhou o boné que o golpe de Seth lhe arrancara da cabeça, passou-o distraidamente pelas mãos antes de voltar a pô-lo. Mas o gesto casual não serviu de nada para aliviar a espessa e escorregadia bola de tensão nas suas entranhas.

– A minha mãe era uma puta – a minha mãe biológica. E era uma agarrada que gostava de heroína. – Manteve o olhar no de Seth e a voz imperturbável. – Eu era mais novo do que tu quando ela me vendeu a primeira vez a um homem que gostava de rapazinhos.

A respiração de Seth acelerou enquanto dava um passo para trás. Não, era só o que conseguia pensar. Ethan Quinn era todo forte e robusto e... normal. – Estás a mentir.

– As pessoas mentem principalmente para se gabarem, ou para fugirem a alguma coisa parva que tenham feito. Não vejo razão para nenhuma das duas – e muito menos para mentir acerca disto.

Ethan tirou novamente o boné porque, de repente, sentiu-o demasiado apertado na cabeça. Uma vez, duas, remexeu o cabelo com a mão como se para aliviar o fardo. – Ela vendeu-me a homens para pagar o seu vício. Da primeira vez, defendi-me. Não fez com que parasse, mas defendi-me. Da segunda vez, defendi-me, e mais algumas vezes depois dessa. Depois deixei de dar-me ao trabalho de me defender, porque só tornava as coisas piores.

O olhar de Ethan mantinha-se nivelado com o do rapaz. Sob as rigorosas luzes suspensas, os olhos de Seth estavam escuros, e não tão calmos como tinham estado quando Ethan começara a falar. O peito de Seth doeu-lhe até se lembrar de voltar a respirar. – Como é que aguentaste?

– Deixei de me ralar. – Ethan encolheu os ombros. – Deixei de *ser*, se é que me entendes. Não havia ninguém a quem pudesse ir pedir ajuda – ou não sabia que havia. Ela mudava-se muito para manter as assistentes sociais afastadas.

Seth sentiu os lábios secos e contraídos. Esfregou as costas da mão violentamente neles. – Nunca sabias onde ias acordar na manhã seguinte.

– Pois, nunca sabia. – Mas todos os lugares pareciam iguais. Cheiravam todos ao mesmo.

– Mas libertaste-te. Saíste.

– Sim, saí. Certa noite, depois de o cliente dela ter acabado o serviço com nós os dois, houve... alguns sarilhos. – Gritos, sangue, palavrões. Dor. – Não me lembro de tudo exactamente, mas apareceu a bófia. Eu devia estar em muito mau estado porque eles levaram-me para o hospital e perceberam as coisas rapidamente. Acabei no sistema social, podia lá ter ficado. Mas a médica que me tratou foi a Stella Quinn.

– Eles acolheram-te.

– Eles acolheram-me. – E dizer aquilo, apenas aquilo, acalmou a indisposição nas entranhas de Ethan. – Eles não se limitaram a mudar a minha vida, salvaram-na. Tive sonhos durante muito tempo depois, os sonhos suados em que se acorda a tentar respirar, com a certeza de que estamos de volta. E mesmo quando percebemos que não estamos, ficamos frios por um bocado.

Seth esfregou as lágrimas com os nós dos dedos, mas agora já não sentia vergonha delas. – Eu escapo-me sempre. Às vezes, eles põem-me as mãos em cima, mas eu escapo-me. Nunca nenhum deles...

– Ainda bem.

– Ainda queria matá-los, e a ela. Eu queria.

– Eu sei.

– Não queria contar a ninguém. Acho que o Ray sabia, e o Cam sabe mais ou menos. Não queria que ninguém pensasse que eu... que olhasse para mim e pensasse... – Não conseguia exprimi-lo, a vergonha de ter alguém a olhar para ele e a ver o que tinha acontecido naqueles quartos escuros e malcheirosos. – Porque é que me contaste?

– Porque precisas de saber que isso não faz de ti menos homem. – Ethan esperou, sabendo que Seth iria decidir se aceitava aquela verdade.

O que Seth viu foi um homem, alto, forte, autoconfiante, com grandes mãos calejadas e olhos tranquilos. Um dos pesos que pendiam sobre o seu coração foi levantado. – Acho que sim. – E sorriu um pouco. – Tens a boca a sangrar.

Ethan tocou-lhe ao de leve com as costas da mão e percebeu que tinham atravessado uma linha fina e trémula. – Tens um bom soco de direita. Nem me apercebi. – Estendeu uma mão, para testar, e despenteou o cabelo emaranhado do sono de Seth. O sorriso do rapaz manteve-se. – Vamos limpar isto – disse Ethan – e vamos para casa.

CINCO

Grace teve uma manhã cheia de tarefas domésticas. A primeira máquina de roupa foi feita às sete e um quarto, enquanto o café fazia e os seus olhos estavam ainda quase fechados. Regou as plantas do alpendre e os pequenos vasos de especiarias no peitoril da janela da cozinha e bocejou enormemente.

Quando o café começou a aromatizar o ar e a dar-lhe esperança, lavou os copos e as tigelas que Julie usara na noite anterior enquanto fazia de *baby-sitter*. Fechou o pacote aberto de batatas fritas, guardou-o no sítio, no armário, e depois limpou as migalhas da bancada onde Julie estivera a comer enquanto falava ao telefone.

Julie Cutter não era conhecida pelo seu asseio, mas adorava Aubrey.

Às sete e meia, precisamente, – e depois de meia chávena de café, – Aubrey acordou.

Pontual como o nascer do Sol, pensou Grace, saindo da minúscula cozinha em direcção ao quarto através da sala de estar. Fizesse chuva ou fizesse sol, aos dias de semana ou ao fim-de-semana, o relógio interno de Aubrey despertava todas as manhãs às sete e meia.

Grace podia tê-la deixado no berço e terminado o seu café, mas ela ansiava por este momento todos os dias. Aubrey estava de pé à beira do berço, com os caracóis dourados emaranhados pelo sono, as bochechas ainda coradas de ter estado a dormir. Grace ainda se lembrava da primeira vez que entrara no quarto e vira Aubrey de pé, com as pernas trémulas a vacilar, o rosto a brilhar de êxito e surpresa.

Agora as pernas de Aubrey pareciam tão sólidas. Levantou uma, depois a outra, numa espécie de marcha da alegria. Riu-se alto quando Grace entrou no quarto. – Mamã, mamã, olá, minha mamã.

– Olá, minha bebé. – Grace inclinou-se de lado para o primeiro esfregar de nariz e suspirou. Sabia a sorte que tinha. Não podia haver uma criança no planeta com uma natureza mais bem-disposta do que a sua menina. – Como está a minha Aubrey?

– Upa! Para fora!

– É para já. Tens de fazer xixi?

– Fazer xixi – concordou Aubrey, dando risadinhas quando Grace a levantou do berço.

O treino para a ida à casa de banho estava a correr bem, concluiu

Grace, verificando a fralda da noite de Aubrey enquanto se dirigiam para a casa de banho. Às vezes acertava, outras, falhava.

Aubrey acertara-lhe desta vez, e Grace lançou-se no profuso louvor acerca das funções corporais que só um progenitor com uma criança pequena podia compreender. Os dentes e o cabelo foram escovados na casa de banho do tamanho de um cubículo que Grace embelezara com paredes verde-menta e cortinas com riscas tipo toldo.

Depois, começou a rotina do pequeno-almoço. Aubrey queria cereais frios com banana, mas sem leite. Meteu a cabeça em cima da tigela quando Grace começou a deitá-lo, abanando vigorosamente a cabeça. – Não, mamã, não. Chávena. Por favor.

– Está bem, leite numa chávena. – Grace encheu uma, pousou-a no tabuleiro da cadeira de bebé ao lado da tigela. – Agora, come. Hoje temos muito que fazer.

– Fazer o quê?

– Vejamos. – Grace fez uma torrada para si enquanto recordava o dia planeado. – Temos de acabar de lavar a roupa, depois prometemos à Sra. West que lhe lavávamos as janelas hoje.

Um trabalho para três horas, calculou Grace.

– Depois, temos de ir ao mercado.

Aubrey arquejou de prazer. – Menina Lucy.

– Sim, vais ver a Menina Lucy. – Lucy Wilson era uma das pessoas preferidas de Aubrey. A operadora de caixa do supermercado tinha sempre um sorriso – e um chupa-chupa – para Aubrey. – Depois de guardarmos as compras, vamos para os Quinn.

– Seth! – O leite escorreu-lhe do sorriso.

– Bem, querida, não tenho a certeza de que ele lá esteja hoje. Pode andar no barco com o Ethan, ou em casa dos amigos.

– Seth – disse novamente Aubrey, de maneira muito decidida, e a sua boca franziu-se num amuo teimoso.

– Logo se vê. – Grace limpou as gotas derramadas.

– Ethan.

– Talvez.

– Cãezinhos.

– O Tolinho, de certeza. – Beijou o cocuruto da cabeça de Aubrey e ofereceu-se a si mesma o luxo de uma segunda chávena de café.

Às oito e um quarto, Grace estava munida de uma pilha de jornais e de um vaporizador que continha uma mistura de vinagre e amoníaco. Aubrey estava entretida na relva com o seu *See n' Say* da Mattel. De poucos em poucos

segundos, uma vaca mugia ou um porco grunhia. E Aubrey nunca deixava de imitar o som.

No momento em que Aubrey mudara os seus afectos para os blocos de construção, Grace já terminara de limpar e polir a parte de fora das janelas na parte da frente e nos lados da vivenda e estava dentro do seu horário. Ter-se-ia mantido dentro do seu horário se a Sra. West não tivesse saído de casa com copos altos de chá gelado e um desejo de conversar.

– Nem sei como te agradecer por me teres tratado disto, Grace. – A Sra. West, avó de muitas crianças, trouxera a Aubrey a sua bebida num copo de plástico colorido com patos de lado.

– Tenho todo o prazer, Sra. West.

– Já não consigo fazer como fazia, por causa da minha artrite. E eu gosto mesmo de ter as janelas a brilhar. – Sorriu, aprofundando as rugas no seu rosto desgastado. – E tu deixa-las a brilhar. A minha neta Layla disse que mas lavava. Mas, para dizer a verdade e envergonhar o diabo, Grace, aquela rapariga é uma cabeça-de-vento. Provavelmente, começava o trabalho e acabava a dormir no canteiro dos legumes. Não sei o que vai ser daquela rapariga.

Grace riu-se e esfregou a janela seguinte. – Ela tem apenas quinze anos. Só pensa em rapazes, em roupa e em música.

– Eu que o diga. – A Sra. West anuiu tão vigorosamente com a cabeça que o seu duplo queixo tremeu com o movimento. – Ora, com a idade dela, eu apanhava um caranguejo mais depressa do que tu piscas os olhos. Ganhava o meu sustento e concentrava-me no trabalho até ele estar terminado. – Pestanejou. – Só depois é que pensava em rapazes.

Deixou sair uma gargalhada vigorosa antes de sorrir a Aubrey. – É uma bela ovelhinha, aquela que ali tens, Gracie.

– A luz da minha vida.

– E uma menina de ouro. Sabes o miúdo mais novo da minha Carly, o Luke? Não está parado dois minutos seguidos e passa o tempo todo à procura de sarilhos. Ainda na semana passada, apanhei-o a trepar aos meus cortinados da sala de estar como um gato doméstico. – Ainda assim, a recordação fê-la rir-se. – É um terror, aquele Luke.

– A Aubrey também tem os seus momentos.

– Não acredito. Não com aquela cara de anjo. Um dia destes, vais ter de andar a enxotar os rapazes com um pau para os impedires de andarem a farejar aquela querida. Linda como um quadro. Já a vi de mãos dadas com um.

Grace agitou o vaporizador e olhou em volta rapidamente para se certificar de que a sua menina não crescera enquanto ela não estava a olhar. – A Aubrey?

A Sra. West riu-se novamente. – A andar na marginal com aquele miúdo Quinn – o mais recente.

– Ah, o Seth. – A sensação de alívio era tão ridícula que Grace pousou o vaporizador e pegou no seu copo para beber. – A Aubrey tem um fraquinho por ele.

– Um rapaz bem-parecido. O meu Matt anda na escola com ele – contou-me como o Seth bateu naquele crápula do Robert há umas semanas. Não pude deixar de sentir que já era altura de alguém o fazer. Como é que eles estão, lá na casa dos Quinn?

A pergunta foi a razão principal para ela ter saído de casa, mas a Sra. West acreditava em abrir caminho aos assuntos.

– Tudo bem.

A Sra. West revirou os olhos. Esta bomba precisava de mais força. – Aquela rapariga que o Cam arranjou para se casar é uma beleza. E vai ter de ter ligeireza nas mãos para manter aquele na linha. Foi sempre agreste.

– Acho que a Anna consegue dar conta do recado.

– Foram para o estrangeiro em lua-de-mel, não foram?

– Roma. O Seth mostrou-me um postal que eles enviaram. É lindo.

– Lembra-me sempre aquele filme com a Audrey Hepburn e o Gregory Peck – em que ela é uma princesa. Já não se fazem filmes daqueles.

– *Férias em Roma*. – Grace sorriu melancolicamente. Tinha um fracasso pelo clássico e pelo romântico.

– É esse mesmo. – Grace parecia-se um pouco com a Audrey Hepburn, pensou a Sra. West. A cor do cabelo não era aquela, claro está, já que Grace era loura como uma viking, mas tinha os olhos grandes e o rosto calmo e belo. Deus sabia que era suficientemente magrinha.

– Nunca estive no estrangeiro. – O que incluía, na cabeça da Sra. West, dois terços dos Estados Unidos. – Eles regressam em breve?

– Daqui a uns dois dias.

– Hmm. Bem, aquela casa precisa de uma mulher, não haja dúvida. Não consigo imaginar como aquilo seja, com quatro homens numa casa. Deve cheirar a meias de ginástica metade do tempo. Não conheço um homem no mundo que seja capaz de mijar e acertar na sanita com o jacto todo.

Grace riu-se e voltou às suas janelas. – Não são assim tão maus. A verdade é que o Cam já mantinha a casa bonita muito antes de me contratarem para tomar conta dela. Mas o único que se lembra de esvaziar os bolsos antes de atirar as calças para dentro do cesto é o Phillip.

– Se isso é o pior, não está mal. Suponho que a mulher do Cam vá tomar conta da casa quando eles regressarem.

A mão de Grace apertou o jornal amarrotado quando o seu coração

deu um ressaltado rápido. – Eu... Ela trabalha a tempo inteiro em Princess Anne.

– O mais provável é que tome conta das coisas – voltou a dizer a Sra. West. – Uma mulher gosta de ter a casa à sua maneira. É o melhor para o miúdo, suponho, ter ali uma mulher a tempo inteiro. Juro que não sei em que é que o Ray estava a pensar desta vez. Era um homem de bom coração, mas quando a Stella faleceu... mudou as bases de apoio, diria eu. Um homem daquela idade a acolher um rapaz daquela maneira. Independentemente do que tivesse acontecido. Não que eu acredite numa palavra sequer dos mexericos indecentes que se ouvem de vez em quando. A Nancy Claremont é a pior de todas, a dar à língua sempre que pode.

A Sra. West esperou um pouco, com esperança de que Grace desse à dela. Mas Grace franzia atentamente o sobrolho à janela.

– Sabes se aquele fiscal da seguradora vai voltar a aparecer?

– Não – disse Grace tranquilamente. – Não sei. Espero que não.

– Não vejo qual seja o interesse da companhia de seguros em saber de onde veio o rapaz. Mesmo que o Ray se tenha suicidado, – e não estou a dizer que o fez, – não podem prová-lo, pois não? Porque... – Fez uma pausa dramática, tal como fazia sempre que argumentava. – Eles não estavam lá!

Disse a última frase em tom de triunfo, tal e qual como quando afirmara o mesmo a Nancy.

– O Professor Quinn não se teria matado – murmurou Grace.

– Claro que não. – Mas deu azo a esta conversa tão interessante. – Mas o miúdo... – Deteve-se, de orelhas espetadas. – Lá está o meu telefone. Entra quando quiseres lavar a parte de dentro, Grace – disse ela, enquanto se apressava a entrar em casa.

Grace não disse nada, continuando a trabalhar normalmente. Mas tinha a cabeça a andar à roda. Estava envergonhada por não conseguir concentrar-se no Professor Quinn. Só conseguia pensar nela e no que poderia acontecer.

Será que Anna iria regressar de Roma e querer tomar conta da casa? Será que Grace iria perder o seu emprego lá e o subsequente dinheiro extra? Pior – muito pior – será que iria perder aquelas oportunidades de ver Ethan uma ou duas vezes por semana? De partilhar uma refeição de vez em quando?

Habitara-se – tornara-se até dependente disso – a fazer parte da vida dele, ainda quede uma parte periférica, apercebeu-se. E, por mais patético que fosse, adorava dobrar-lhe a roupa, e alisar os lençóis da sua cama. Até se permitia acreditar que ele pensava nela quando encontrava um dos seus bilhetinhos pela casa. Ou à noite, quando deslizava por entre os lençóis acabados de lavar.

Será que ia perder isso também – e perder o prazer de o ver a chegar no barco, ou a levantar a Aubrey no ar quando ela exigia um beijo, ou a olhar para ela e a fazer-lhe aquele sorriso lento?

Será que tudo aquilo iriam ser apenas imagens que ela agora guardaria na mente?

Os seus dias iriam prosseguir sem ter sequer aquilo por que ansiar. E as suas noites iriam prosseguir solitárias.

Apertou os olhos com força, debatendo-se em desespero. Depois, abriu-os novamente quando Aubrey lhe puxou a bainha dos calções.

– Mamã. A Menina Lucy?

– Vai já, querida. – Porque precisava disso, Grace levantou Aubrey nos braços para lhe dar um forte abraço.

Era quase uma hora quando Grace acabou de guardar as compras e de preparar o almoço a Aubrey. Estava apenas meia hora atrasada, e achou que conseguia compensá-la sem muito esforço. Só precisava de andar um bocadinho mais depressa e concentrar-se no trabalho. Chega de conjecturar, ordenou a si mesma enquanto prendia Aubrey na cadeirinha do carro. Chega de parvoíces.

– Seth, Seth, Seth – entoava Aubrey, balançando-se loucamente.

– Logo se vê. – Grace trepou para trás do volante, pôs a chave na ignição e rodou-a. A resposta foi um ofego e um baque. – Ai, não vais fazer isso. Não vais, não. Não tenho tempo para isto. – Um pouco em pânico, voltou a rodar a chave, pisou no pedal do acelerador e suspirou de alívio quando o motor pegou. – Assim, sim – resmungou, enquanto fazia marcha-atrás no pequeno caminho de entrada. – Cá vamos nós, Aubrey.

– Cá vamos nós!

Cinco minutos depois, a meio caminho da sua casa e da dos Quinn, o carro velho rugiu novamente, estremeceu, e depois expeliu vapor por debaixo do capot.

– Bolas!

– Bolas! – imitou Aubrey alegremente.

Grace apenas comprimiu as palmas das mãos contra os olhos. Era o radiador, tinha a certeza. No mês anterior tinha sido a correia da ventoinha e, antes disso, as pastilhas dos travões. Resignada, encostou à beira da estrada e saiu para abrir o capot.

O fumo saía em ondas, fazendo-a tossir e afastar-se. De forma decidida, voltou a engolir o nó de desespero na garganta. Talvez não fosse nada de grave. Podia ser outra vez uma correia qualquer. E, se não fosse, – suspirou enormemente, – teria de decidir se seria melhor investir mais dinheiro

naquele chaço ou dilacerar o seu perturbado orçamento comprando outro chaço.

Fosse como fosse, agora não podia fazer nada acerca disso.

Abriu a porta do lado do pendura e tirou o cinto a Aubrey. – O carro está doente outra vez, querida.

– Auu.

– Pois, por isso vamos ter de o deixar aqui mesmo.

– Sozinho?

A preocupação de Aubrey com objectos inanimados fez Grace sorrir de novo. – Não é por muito tempo. Vou chamar o homem do carro para vir tomar conta dele.

– Para o fazer sentir-se melhor.

– Espero que sim. Agora vamos a pé até à casa do Seth.

– Está bem! – Encantada com a mudança de rotina, Aubrey desatou a correr.

Quatrocentos metros depois, Grace estava a levá-la ao colo.

Mas estava um dia bonito, lembrou-se. E a caminhada deu-lhe uma oportunidade de olhar e ver realmente. Havia madressilva a emaranhar-se ao longo da vedação que cercava um campo bem arranjado de soja, e o aroma era óptimo. Apanhou um rebento para Aubrey.

Quando acabou de contornar o pântano que circundava a terra dos Quinn, tinha os braços a doer. Pararam para ver uma tartaruga a apanhar banhos de sol à beira da estrada, para que Aubrey pudesse divertir-se com a maneira como ela encolhia a cabeça para dentro da carapaça quando se esticava para lhe tocar.

– Consegues andar agora um bocadinho, bebé?

– Cansada. – Com os olhos a suplicar, Aubrey levantou os braços.

– Upa!

– Está bem, upa. Estamos quase lá. – Já passava da hora da sesta, pensou Grace. Aubrey queria fazer a sesta todos os dias logo a seguir ao almoço. Dormia duas horas, quase certinhas, depois acordava pronta para a brincadeira.

A cabeça de Aubrey era já um peso adormecido no ombro de Grace quando ela subiu ao alpendre e se meteu dentro de casa.

Assim que aninhou a filha no sofá, apressou-se a subir para desfazer camas, recolher e seleccionar roupa suja. Depois de feita a primeira máquina, fez uma chamada rápida para o mecânico que dava o seu melhor para manter vivo o seu carro enfermo.

Voltou a apressar-se a subir, fazendo as camas de lavado. Para lhe poupar passos, tinha materiais de limpeza em cada piso. Grace encarregou-se primeiro da casa de banho, esfregando e enxaguando de rajada

até que os cromados e os azulejos brilhassem.

Seria, apercebeu-se, a sua última limpeza geral na casa dos Quinn antes do regresso de Cam e Anna. Mas já decidira, algures durante a caminhada de um quilómetro e meio desde o seu carro avariado, arranjar umas duas horas para dar uma limpadela rápida no dia em que eram esperados de volta a casa.

Tinha orgulho no seu trabalho, não tinha? E, com certeza, outra mulher iria reparar na arrumação, nos cantos limpos, nos pequenos toques adicionais que tentava acrescentar. Uma profissional como Anna, uma mulher com uma carreira exigente, iria perceber que Grace era necessária ali, não era?

Desceu as escadas a correr para ver como estava Aubrey, para retirar a roupa molhada da máquina de lavar para um cesto e fazer uma segunda máquina.

Iria certificar-se de que haveria flores frescas no quarto de casal quando os recém-casados chegassem. E tiraria para fora as boas toalhas de mãos. Deixaria um bilhete a Phillip para que colhesse alguma fruta para ela a dispor de forma elegante na fruteira da mesa da cozinha.

Arranjaria tempo para encerar os soalhos de madeira e lavar e engomar os cortinados.

Pendurou rapidamente a roupa na corda, sem nenhum do seu habitual entusiasmo na tarefa. Ainda assim, a simples rotina começou a acalmá-la. De alguma forma, tudo haveria de se compor.

Deu por si a vacilar e abanou a cabeça para lhe passar. A fadiga surge depressa, como um murro no maxilar. Se se tivesse dado ao trabalho de calcular as horas em que estivera de pé e a mexer-se naquele dia, teria contabilizado sete horas, depois de um curto sono de cinco horas na noite anterior. O que calculou efectivamente foi que ainda tinha mais doze pela frente. E precisava de uma pausa.

Dez minutos, prometeu a si mesma, e, como fazia por vezes em dias longos, esticou-se ao comprido na relva ao lado da roupa que ondulava na corda. Uma soneca de dez minutos iria recarregar-lhe baterias e ainda deixar-lhe tempo para esfregar a cozinha antes de Aubrey acordar.

Ethan dirigia-se a casa de carro, vindo da zona costeira. Encurtara o seu dia na água, deixando Jim e o filho levarem novamente o barco para verificarem os covos no rio Pocomoke. Seth estava fora com Danny e Will, e Ethan pensou em arranjar um almoço rápido, ainda que tardio, para depois passar as várias horas que se seguiam no estaleiro. Queria terminar o *cock-pit*, quem sabe começar a fazer o tecto da cabina. Quanto mais conseguisse

fazer, menos tempo demoraria até que Cam pudesse dedicar-se ao trabalho de acabamentos e embelezamento.

Abrandou quando viu o carro de Grace à beira da estrada, depois encostou rapidamente. Limitou-se a abanar a cabeça quando olhou para dentro do capot aberto. Aquela coisa maldita estava colada a cuspo e rezas, concluiu. Ela não devia andar a conduzir uma coisa tão pouco fiável. O que é que aconteceria, pensou com azedume, se aquela coisa maldita decidisse avariar quando ela estivesse a regressar a casa do bar a meio da noite?

Olhou mais de perto e assobiou. O radiador estava mais do que morto, e, se ela estivesse a pensar em substituí-lo, ele teria de convencê-la do contrário.

Iria arranjar-lhe um carro decente em segunda-mão. Consertar-lho – ou pedir a Cam, que conhecia os motores como Midas conhecia o ouro, que o afinasse. Não ia tê-la a andar por aí num chaço daqueles, muito menos com a bebé.

Recompôs-se, dando dois passos atrás. Não tinha nada a ver com isso. Não tinha, o caraças, pensou, com um incharacterístico rasgo de mau génio. Ela era sua amiga, não era? Ele tinha o direito de ajudar uma amiga, principalmente uma amiga que precisava que olhassem por ela.

E Deus sabia – quer Grace soubesse, ou não – que ela precisava que olhassem por ela. Voltou para a sua carrinha e conduziu até casa com uma expressão carregada.

Quase batera com a porta mosquiteira quando viu Aubrey enrolada no sofá. A expressão carregada não teve hipótese. Fechou a porta devagar e dirigiu-se silenciosamente até ela. Tinha a mão enrolada em punho sobre a almofada. Incapaz de resistir, pegou nela suavemente e maravilhou-se com aqueles dedinhos minúsculos e perfeitos. Tinha um laço à volta de um dos seus caracóis, uma pequena fita de renda azul que imaginou que Grace tivesse atado naquela manhã. Agora estava de esguelha, o que a tornava mais doce.

Não pôde deixar de desejar que ela acordasse antes que ele tivesse de sair novamente.

Mas agora precisava de encontrar a mãe de Aubrey para falar acerca de um meio de transporte fiável.

Empinou a cabeça, concluiu que estava silêncio a mais para que ela estivesse lá em cima a fazer o que quer que fosse que ela fazia lá em cima. Encaminhou-se para a cozinha e reparou que as marcas de um pequeno-almoço apressado ainda estavam à vista. Ela ainda não chegara ali. Mas a máquina de lavar roupa zunia e ele vislumbrou peças de roupa agitadas pela brisa na corda lá de fora.

No momento em que se encaminhou para a porta, viu-a. E ficou em

pânico total. Não sabe o que pensou, apenas que ela estava estendida na relva. Imagens terríveis de doença e ferimentos assolaram-lhe a mente quando se apressou a sair para a rua. Pouco faltava para estar a um passo dela quando se apercebeu de que ela não estava inconsciente. Estava a dormir.

Enrolada, muito como a sua filha estava lá dentro. Um punho cerrado perto da bochecha, a respiração lenta, profunda e regular. Ele cedeu aos seus joelhos enfraquecidos e sentou-se ao lado dela, esperando que o seu ritmo cardíaco regressasse a algo próximo do normal.

Ficou sentado a ouvir a roupa a bater na corda, a água a lamber a zosteria e os pássaros a tagarelar, enquanto pensava no que raio iria fazer com ela.

Por fim, limitou-se a suspirar, ergueu-se, e, depois, dobrando-se, levantou-a nos braços.

Ela remexeu-se neles, enroscou-se, fez o sangue dele correr um pouco mais depressa do que era confortável. – Ethan – murmurou, virando o rosto para a curva do seu pescoço e incitando a brilhante fantasia de rebolar naquela relva aquecida pelo Sol com ela.

– Ethan – disse novamente, deslizando os dedos pelo ombro dele. E deixando-o duro como o ferro. Depois, novamente, – Ethan – só que desta vez com um guincho de choque enquanto levantava a cabeça e olhava fixamente para ele.

Tinha os olhos tontos de sono e brilhantes de surpresa. A sua boca fez um suave «Oh» que foi gloriosamente tentador. Depois a cor inundou-lhe as bochechas.

– O quê? O que foi? – conseguiu dizer numa combinação de despertar e constrangimento capaz de dar voltas ao estômago.

– Se vais fazer uma sesta, devias ter o bom senso da Aubrey e fazê-la lá dentro, longe do Sol. – Ele sabia que tinha a voz áspera. Não podia fazer nada acerca disso. O desejo tinha-o prendido pela garganta com garras alegremente afiadas.

– Eu estava só. . .

– Fizeste-me perder dez anos de vida quando te vi ali estendida. Pensei que tivesses desmaiado, ou assim.

– Só me estiquei por um minuto. A Aubrey estava a dormir, portanto. . . Aubrey! Tenho de ir ver como está a Aubrey.

– Acabei de a ver. Ela está bem. Terias demonstrado mais bom senso se te tivesses esticado no sofá com ela.

– Não venho para cá para dormir.

– Tu estavas a dormir.

– Só por um minuto.

– Precisas de mais de um minuto.

– Não preciso nada. É que as coisas hoje complicaram-se, e a minha cabeça cansou-se.

Aquilo quase o divertiu. Parou na cozinha, ainda com ela ao colo, e olhou-a nos olhos. – A tua cabeça cansou-se?

– Sim. – Agora estava quase parada. – Precisava de descansar um bocado a cabeça, é só isso. Põe-me no chão, Ethan.

Ele não estava preparado para o fazer, ainda não. – Vi o teu carro na estrada a cerca de um quilómetro e meio daqui.

– Telefonei ao Dave e disse-lhe. Vai tratar dele assim que puder.

– Vieste a pé até cá com a Aubrey ao colo?

– Não, o meu motorista trouxe-nos. Põe-me no chão, Ethan. – Antes que ela explodisse.

– Bem, podes dar o resto do dia de folga ao teu motorista. Eu levo-te a casa quando a Aubrey acordar.

– Eu consigo ir sozinha para casa. Mal comecei a limpar esta. Agora tenho de voltar às limpezas.

– Não vais andar quatro quilómetros a pé.

– Eu ligo à Julie. Ela vem cá buscar-nos. Tu deves ter trabalho para fazer. Eu estou... atrasada – disse ela, agora com desespero. – Não consigo compensar se não me puseres no chão.

Ele avaliou-a. – Não pesas lá grande coisa.

O tremor da necessidade oscilou para irritação. – Se vais dizer-me que sou esquelética...

– Eu não diria esquelética. Tens bons ossos, é só isso. – E uma pele suave e macia a cobri-los. Pô-la de pé antes que se esquecesse que tencionava olhar por ela. – Hoje não tens de te preocupar com a casa.

– Tenho, sim. Preciso de fazer o meu trabalho. – Estava com os nervos em franja. A forma como ele olhava para ela fazia-a querer dar um pulo de volta aos seus braços e também a fazia querer fugir porta fora como um coelho. O seu corpo nunca passara por um dilema tão dramático, e só podia defender o seu território. – Consigo fazê-lo mais depressa se não estiveres no meu caminho.

– Eu saio da tua frente assim que ligares à Julie para saberes se ela cá vem buscar-te. – Ele esticou-se para lhe tirar uma penugem de dente-de-leão do cabelo.

– Está bem. – Ela virou-se, e premiu números no telefone da cozinha. Talvez fosse melhor, pensou descontroladamente quando o telefone começou a chamar, se Anna não a quisesse por perto quando viesse para casa. Parecia que já não conseguia estar com Ethan durante dez minutos sem ficar nervosa. Se aquilo continuasse, era provável que fizesse alguma coisa que os envergonhasse aos dois.